

“The Museum of Past Futures”

Contributos para a capacitação social
e cultural dos cidadãos: o estudo de
caso do Futureplaces

ANA MARIA ROSETE NASCIMENTO
DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM DESIGN DA IMAGEM
ORIENTADOR: PROF. DOUTOR HEITOR ALVELOS
PORTO, 2018

Agradecimentos

A realização deste projeto contou com importantes apoios e incentivos, sem os quais este não teria sido realizado e aos quais estarei eternamente grata.

Ao meu professor e orientador Dr. Heitor Alvelos pelo apoio, pela disponibilidade, pela total colaboração no solucionar de dúvidas e problemas que foram surgindo ao longo da realização deste projeto.

À Dr^a. Isabel Barroso pelo apoio na realização da bibliografia.

À comissão do Futureplaces e a todos os participantes deste evento, porque sem eles não teria sido possível realizar esta exposição.

E por último à minha família, o seu apoio incondicional, incentivo, amizade e paciência demonstrados.

A todos dedico este trabalho!

Resumo

A presente investigação pretende analisar como podem os eventos dedicados aos novos media contribuir para a capacitação social e cultural dos cidadãos.

O trabalho tem como caso de estudo o *Futureplaces*, uma das principais iniciativas do programa UT Austin-Portugal em Media Digitais, realizada anualmente no Porto; um evento que também celebrou recentemente a sua décima edição.

A investigadora optou por uma metodologia de trabalho de campo, na qual assumiu tanto o papel de observadora como de participante, a fim de compreender aprofundadamente a missão do evento.

Subsequentemente, o trabalho de análise baseou-se no confronto entre a experiência de campo e os compromissos sociais, culturais e mediáticos assumidos pelo evento na sua origem.

Deste modo, o presente estudo pretende tanto ser um trabalho prático como documental, capaz de reconstruir uma retrospectiva do festival, através da construção de um arquivo físico com vista à realização de uma exposição com objetos e materiais das várias edições deste.

Por fim, a investigadora deixa um conjunto recomendações para um desenvolvimento futuro.

Palavras-chave: Media digitais, Cultura, Cidadania, Pedagogia, Arquivo

Abstract

The present research intends to analyze how the events dedicated to the new media can contribute to the social and cultural empowerment of the citizens.

The work developed was focused on Futureplaces, one of the main initiatives of the UT Austin-Portugal program in Digital Media, held annually in Porto; an event that recently celebrated its tenth edition in 2017.

The researcher opted for a methodology of field work, in which she assumed both the role of observer and participant, in order to understand in depth the mission of the event.

Subsequently, the work of analysis was based on the confrontation between field experience and the social, cultural and media commitments assumed by the event at its origin.

Thus, the present study aims both to be a practical and documentary work, capable of reconstructing a retrospective of the festival, through the construction of a physical archive towards the production of an exhibition with objects and materials from the various editions of the festival.

Lastly, the work includes a set recommendations for future development.

Keywords: Digital Media, Culture, Citizenship, Pedagogy, Archive

Índice

11	Índice de Figuras
14	Preâmbulo
17	1. Introdução
17	1.1. Proposta de investigação
17	1.2. Objetivos
18	1.3. Enquadramento académico
18	1.4. Estrutura do relatório
21	2. Contextualização Histórica
21	2.1. Da origem à concretização
22	2.2. O incentivo às culturas locais
24	2.3. De festival a medialab
25	2.3.1. Antifluffy
26	2.3.2. A metáfora Antifluffy
27	2.3.3 O convite à metodologia
31	3. Revisão da Literatura
31	3.1. Os media
32	3.2. Os media e a cultura local
33	3.3. Uma retrospectiva do Pós-Digital
34	3.4. A valorização do analógico
39	4. Metodologias
39	4.1. Pré-Futureplaces
41	4.2. Participação no Evento
42	4.2.1 Observações
48	4.3. Recolha do Espólio
51	5. Conclusão
54	6. Bibliografia
57	7. Apêndice

Índice de Figuras

15	Figura 1. “Hunting for Logos” @ PINC. Foto de Luis Barbosa. 2016
15	Figura 2. Simpósio Doutoral com Patricia Aufderheide @ PINC. Foto de Luis Barbosa. 2016
19	Figura 3. “Ten editions of FP posters” @ Maus Hábitos. 2017
22	Figura 4. Futureplaces. Foto de João Pádua. 2009
23	Figura 5. Concerto de encerramento na Casa da Musica. Foto de Luis Barbosa. 2008
25	Figura 6. “Stories of Chairs” @ Edifício Almeida Garrett. Foto de Luis Barbosa. 2012
26	Figura 7. “Fly in the Face of Fluffy” @ Maus Hábitos. 2017
27	Figura 8. “We are the Fluffy” @ Maus Hábitos. Foto de Luis Barbosa. 2013
29	Figura 9. Mupi da 10ª edição FP @ UPTEC PINC. 2017
37	Figura 10. “[U.] Porto Personal” @ Reitoria UP. Foto do Luis Barbosa 2016
40	Figura 11. “Type the Future” @ Praça de Poveiros. Foto de Luís Barbosa, 2011
41	Figura 12. Azulejos do Porto @ UPTEC PINC. Foto de Luis Barbosa. 2017
43	Figura 13. “19 Diaries” @ UPTEC PINC. 2017
43	Figura 14. “33 Remixes” @UPTEC PINC Jardim. 2017
44	Figura 15. “33 Remixes/19 Diaries” @ UPTEC PINC Jardim. 2017
44	Figura 16. “Metamorphosis of Space: session 2” @ UPTEC PINC Cowork. Foto de Luis Barbosa. 2017
45	Figura 17. “Designing Multiculturality” @ Museu das Marionetas. 2017
45	Figura 18. ““Doc Under The Block” @ Duque Saldanha. 2017
45	Figura 19. a) e b) “DMLL/Beaconing” @ MIL Room 204. 2017
46	Figura 20. Kaminhus di Férru, com a Rádio Manobras...@Passos Manuel. 2017
47	Figura 21. a) e b) “Arcade Room + Open mic with Antifluffy”@Maus Hábitos. 2017
48	Figura 22. Sessão de Encerramento com a Dra. Maria Fernanda Rollo. @Passos Manuel. Foto de Luis Barbosa. 2017
49	Figura 23. Recolha Pós-Futureplaces @UPTEC PINC. 2017
59	Figura 24. Cartazes (2008-2017)
60	Figura 25. Programas (2008 - 2017)

- 60 **Figura 26.** Cartões, convites, autocolantes, óculos...
- 60 **Figura 27.** Livros editados (2009 e 2010)
- 60 **Figura 28.** Edições áudio (2009, 2011, 2014 e 2017)
- 60 **Figura 29.** Programa do Simpósio Doutoral e do “Flash Symposium”
2012
- 60 **Figura 30.** Programas do Simpósio Doutoral (2013, 2016 e 2017)
- 61 **Figura 31.** Antifluffy
- 61 **Figura 32.** Sinalética FP 2012
- 61 **Figura 33.** Feira Internacional da Ciência 2008. FP... desdobrável
(frente e verso).
- 61 **Figura 34.** Modelo de Ficha de Proposta de Atividades 2017
- 62 **Figura 35.** “GPS Drawings” 2007
- 62 **Figura 36.** “It’s Raining Families” 2011
- 62 **Figura 37.** Folhas de acompanhamento de vários projetos
realizados em 2013
- 62 **Figura 38.** “Analog Software” 2014
- 62 **Figura 39.** “Biological Radio” 2014
- 62 **Figura 40.** “Ethno Media Scapes” 2014
- 63 **Figura 41.** Pormenor da capa “19 Diaries” 2015
- 63 **Figura 42.** Um exemplar de “19 Diaries” 2015
- 63 **Figura 43.** “The Fountain Project #2: Rec(laim) the Future” 2015
- 63 **Figura 44.** Documentação do projeto “Porto pelo Porto” 2015
- 63 **Figura 45.** Postais do Porto pelo Porto 2015
- 63 **Figura 46.** Mais Menos 2016
- 64 **Figura 47.** Memórias do Copiógrafo: Experiências com papel químico
- 64 **Figura 48.** Original do dilatografado do programa 2016
- 64 **Figura 49.** “Antifluffy Go” 2016
- 64 **Figura 50.** “U.Porto Personal” 2016
- 64 **Figura 51.** “Hunting for logos” 2016
- 64 **Figura 52.** Apresentação do Museu Digital do Porto 2016
- 65 **Figura 53.** “19 Diaries” 2017
- 65 **Figura 54.** “Future Cyborgs” 2017
- 65 **Figura 55.** “Commonspoly” 2017
- 65 **Figura 56.** “33 Remixes”. Foto de Luis Barbosa 2017
- 65 **Figura 57.** Azulejos do Porto. Foto de Luis Barbosa 2017
- 65 **Figura 58.** “The Fountain Project #5: untitled” 2017
- 66 **Figura 59.** “Powerpointers Anonymous” 2017
- 66 **Figura 60.** “Designing Multiculturality” 2017
- 66 **Figura 61.** “Doc Under the Block” 2017
- 66 **Figura 62.** Assina Mais Menos 2017
- 67 **Figura 63.** Tabela de outputs... 2017

Preâmbulo

A 19 de outubro de 2016, os alunos do Mestrado em Design da Imagem (MDI) da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) foram convidados no âmbito da disciplina de Dispositivos Visuais a participar num exercício de livre observação, contemplação e interação com as atividades do *Futureplaces* (FP).

Esse exercício consistiu no registo visual - fotográfico ou vídeo - a partir de um dispositivo móvel de uma experiência individual ou coletiva, no contexto mediático dos acontecimentos ocorridos naquele dia, para posteriormente serem analisados com o Prof. Adriano Rangel, docente da disciplina em causa.

No início a investigadora desconhecia o evento e por isso, acreditou, quer pelo nome quer pelo contexto do exercício, que fosse um festival no qual se mostravam as mais recentes tecnologias e avanços científicos da academia.

No entanto, após ter participado no *workshop* “Hunting for Logos” (Figura 1) e ter assistido à abertura do Simpósio Doutoral com uma palestra da autoria da Prof.^a Patricia Aufderheide (Figura 2), a investigadora verificou que ao contrário de “uma simples montra de tecnologia de ponta” (Alvelos 2017), o evento oferecia aos seus participantes um espaço de “encontros improváveis, estéticas e eventos” (Alvelos in Silva 2017) promovendo desta forma a “pedagogia da acessibilidade.” (Alvelos in Silva 2017)

Por “pedagogia da acessibilidade” entende-se como podem ou devem os media estar ao serviço dos cidadãos?

Daí o tema ter despertado o interesse da investigadora, visto que em oposição a eventos atuais como o *Web Summit* direcionados para “apresentação, experimentação, apreciação e consumo” (Alvelos et al. 2012) de tecnologias futuras, o FP propõe aos participantes uma reflexão crítica sobre estas e a sua utilidade para o bem comum.



Figura 1. "Hunting for Logos" @ PINC. Foto de Luis Barbosa. 2016



Figura 2. Simpósio Doutoral com Patricia Aufderheide @ PINC. Foto de Luis Barbosa. 2016

1. Introdução

1.1. Proposta de investigação

A presente investigação propõe abordar como podem os eventos dedicados aos novos media contribuir para a capacitação social e cultural dos cidadãos, tendo como caso de estudo o *Futureplaces*, entre 2008 e 2017.

Esta é uma das principais iniciativas do programa UT Austin-Portugal em Media Digitais, que completou em 2017 a sua décima edição consecutiva.

Desde o seu início que o FP tem sido um evento profundamente enraizado na paisagem cultural do Porto e a sua décima edição não foi exceção. Esta ocorreu entre os dias 17 e 21 de outubro, no Porto e celebrou não apenas a última década como também analisou as possibilidades futuras. Foi ainda pretexto para uma exposição de cartazes de edições anteriores, de forma a retratar a evolução das propostas conceituais e estéticas contidas em cada edição do evento (Figura 3).

Consequentemente, a investigadora considerou propor à organização incluir, numa próxima edição, também uma reflexão crítica acerca do próprio legado.

Daí a proposta se enquadrar num novo esforço da organização na construção de um arquivo físico - já que o digital encontra-se documentado no site do evento - com vista à realização, de uma amostra retrospectiva com objetos e materiais da última década. Visto que , “os media não são exclusivamente o que está no ecrã”, defende Heitor Alvelos, curador do evento desde 2008.

Em suma, “The Museum of Past Futures” não é apenas o título da presente proposta, mas também o nome da exposição correspondente.

1.2. Objetivos

O projeto tem como principais objetivos:

- **confirmar** o percurso da missão FP;
- **contribuir** para dar continuidade ao projeto;
- **organizar** um arquivo físico com vista à realização de uma exposição retrospectiva com objetos e materiais dos últimos dez anos do evento;

- **contribuir** para a recuperação, revalorização dos compromissos sociais, culturais e mediáticos assumidos pelo evento na sua origem.

1.3. Enquadramento académico

O projeto insere-se no âmbito do MDI, na medida em que o evento em estudo integra de forma sólida os contextos académico, científico e artístico, a partir de um conjunto diversificado de atividades, tais como: exposições, *workshops*, performances, concertos, mesas redondas... promovendo, assim, um espaço informal, criativo e interativo para estudantes e investigadores das mais diversas áreas de estudo interagirem entre si.

Como prova, a abertura do evento é feita com o tradicional simpósio doutoral, no qual investigadores e jovens doutorandos apresentam a público as suas pesquisas e propostas de atividade, no âmbito dos Media Digitais, não apenas com intuito de promover a sua investigação, mas também obter o *feedback* de outros participantes.

Em suma, o presente projeto procura reunir os resultados dessas atividades.

1.4. Estrutura do relatório

O presente relatório está organizado em cinco capítulos.

O primeiro capítulo destina-se à introdução, onde se define o enquadramento e a motivação da investigação, bem como os principais objetivos e estrutura.

No segundo capítulo, procede-se a uma contextualização histórica sobre o evento, sendo que o terceiro capítulo constitui na revisão da literatura.

O quarto capítulo apresenta as opções metodológicas tomadas, assim como o processo que levou a investigadora a dividir a pesquisa em quatro fases principais. Inicia-se com uma breve caracterização do estudo e dos procedimentos que foram necessários à sua execução, expondo posteriormente todo o processo relativo à execução do trabalho empírico, incluindo os instrumentos de recolha de informação.

Por fim, apresenta-se a conclusão de todo o trabalho desenvolvido assim como um conjunto de indicações futuras.



Figura 3. "Ten editions of FP posters" @ Maus Hábitos. 2017

2. Contextualização histórica¹

¹. Para evitar incluir extratos de texto num idioma estrangeiro, optou-se por traduzir para português todas as citações incluídas na dissertação (com a excepção de termos isolados ou expressões).

2.1. Da origem à concretização

Em 2009, o curador fez notar que a própria falta de participação social portuguesa sempre foi documentada e analisada em outros locais.

Onde exatamente essa paralisia da ação começou, não se sabe, mas talvez “os quarenta anos de Estado Novo, os altos déficits de escolaridade obrigatória” (Rollo 2017) tenham contribuído para fechar a nossa imaginação enquanto agente de mudança.

Por outras palavras, verificou-se a falta de estruturas estáveis para uma participação pública eficaz no País.

Portanto, há muito que nos acostumámos a ser espectadores de narrativas mais altas, fossem elas culturais, sociais, políticas, históricas ou religiosas, cujo herói é sempre “o outro” sendo ele intercambiável consoante a narrativa em questão.

Assim, tornou-se imperativo a concretização de estratégias políticas e sociais que estimulassem a nossa formação enquanto cidadãos.

Felizmente, o fascínio pela comunicação social, a crescente acessibilidade tecnológica, o advento da autopublicação e o surgimento de novas e melhoradas interfaces vieram fomentar, no utilizador, novas formas de envolvimento social.

Daí que, dois anos antes, tenha emergido a ideia de organizar um festival dedicado aos Novos Media, que para além de uma simples “montra de competências”, se enraizasse na cidade.

“O trabalho começou muito intuitivamente no final de 2007, em torno do pensamento de que, ao invés de organizar um festival de media digitais de acordo com as expectativas, seria melhor propor um foco inequívoco no impacto sociocultural. Este foi sem dúvida um meio de diferenciação territorial, mas também um reconhecimento do propósito de um festival dentro de um programa de pesquisa avançada que unisse universidades, parceiros e empresários.” (Alvelos, et al. 2015)

A primeira edição procurou não só explorar a forma como os media digitais eram abordados na academia, mas também em outros festivais, bem como, de que forma poderiam eles apoiar a cultura local.

É evidente que a escolha do nome para o festival partiu inicialmente dessa premissa, visto que reúne ambos os conceitos-chave: “future” - a promessa de um futuro determinista, otimista relacionado aos novos media - e “places” - locais concretos.

2. Karen Gustafson, comissária do programa entre 2008 e 2014 inclusive.

3. STOP, antigo *shopping center* convertido num espaço para músicos.

4. Passos Manuel, antigo cinema do Coliseu do Porto convertido numa sala de espetáculos, bar e discoteca. Um espaço onde não só se realizam concertos, mas também outras atividades culturais.

5. Maus Hábitos, um espaço de restauração, mas também de intervenções culturais, localizado na Rua Passos Manuel.

No entanto, em declarações à investigadora, a comissão confidenciou a sua urgência em encontrar um nome para o referido evento e como este reuniu consenso na altura foi escolhido, salvaguardado pelo facto do conceito “futuro” estar em constante mutação:

“Se há uma década acreditávamos que a tecnologia solucionaria muitos dos nossos problemas ao nível da conectividade e da capacidade de expressão, hoje já não há essa certeza. O futuro é agora um espaço de inquietação e é isso que tem norteado a nossa ação.” (Alvelos in Nascimento 2017)



Figura 4. Futureplaces. Foto de João Pádua. 2009

2.2. O incentivo às culturas locais

Inicialmente foi criada uma plataforma online para participantes de todo o mundo puderem submeter as suas propostas.

Como na primeira edição, a organização referia-se de forma muito veemente à relação entre media e cultura local, as propostas que não refletiam sobre esse mote eram desde logo excluídas. Pois embora, importantes e legítimas, pouco contribuíam para o debate que estava a ser proposto.

Mesmo assim, Karen Gustafson²(2010) assegura que a primeira edição teve a sorte de aproveitar espaços como a Casa da Música (Figura 5), a Fundação de Serralves, o STOP³, o Passos Manuel⁴ e o Maus Hábitos⁵. Os dois últimos acolhendo a maior parte das 28 exposições finalistas, na altura vindas sobretudo de Portugal e Estados Unidos.

Motivo que naturalmente levou à escolha do inglês como língua oficial do evento logo nas primeiras edições.

Ainda que se tenha discutido as possibilidades de se realizar um evento bilíngue, o mesmo nunca chegou a ocorrer devido à falta de recursos humanos e financeiros. Fatores que também levaram rapidamente à conclusão de que o próprio modelo implementado não seria o mais indicado por ser dificilmente gerível e dispendioso.

Em 2009, apesar do alcance geográfico das atividades se ter concentrado e o número de participantes se ter restringido, a geografia centrada em torno da baixa do Porto ofereceu aos participantes maiores oportunidades de socializar e participar das atividades e performances planeadas, aproveitando desta forma a energia cultural existente na região, criando assim uma “cultura local” temporária.

Por outro lado, com o nascimento do primeiro curso de doutoramento em Media Digitais da Universidade Porto (2009/2010), no âmbito do programa UT Austin - Portugal, começaram a surgir os primeiros estudantes maturados da área.

Daí, o surgimento de uma comunidade local, muito ligada aos novos media, que levou a comissão a ponderar trabalhar com ela. Pois, além de já possuírem os “seus networkings internacionais” e conhecerem melhor a realidade local, acabavam por ter uma infraestrutura menos pesada e menos dispendiosa. (Alvelos in Nascimento 2017)

Em suma, as três primeiras edições do festival terão sido dedicadas a “reforçar as comunidades artísticas locais do Porto, assim como globalmente colocar a cidade no mapa, como um centro de media digitais e artes, criativo e tecnologicamente inovador”. (futureplacesfestival 2015 a)



Figura 5. Concerto de encerramento na Casa da Musica. Foto de Luis Barbosa. 2008

6. Começou por ser uma rádio futureplaces mas atualmente é uma rádio comunitária. Isto é, um espaço radiofónico dedicado à cidade, convidando os cidadãos do centro histórico a resgatar, legitimar e projectar atividades criativas na vida quotidiana;

7. Nasceu da oficina "Rescuing Oral Memory", realizada em 2014 por Daniel Brandão e Vanessa Rodrigues. É o mais recente coletivo dedicado ao cinema documental do quotidiano na cidade do Porto.

8. "Porto Pelo Porto", projeto cujas premissas transcendem uma expectativa tipificada da marca, provando que a identidade da cidade pode manter-se fiel à realidade urbana, estética, ideológica e contextual. (portopeloporto.org)

9. Fundada em 2010, a Stopestra nasce de uma parceria entre os músicos do STOP e a Casa da Música.

2.3. De festival a medialab

"Cedo, o Futureplaces decidiu falar menos sobre tecnologia e mais sobre o que tecnologia poderia fazer para nós enquanto sociedade." (Alvelos, et al. 2012)

Em 2011, o conceito "laboratório" (ou *citizen lab*) é pela primeira vez introduzido para designar as oficinas de participação livre e de pesquisa envolvendo os novos media, com o propósito de promover e reinventar a iconografia e o património visual português, incorporando estes com a narrativa pessoal a fim de levar o conceito DIY (*do it yourself*) para públicos mais amplos (Figura 6).

A organização mostra-se também particularmente interessada em consolidar projetos já lançados em edições anteriores.

Foi o caso de projetos como a Rádio Manobras⁶ e mais tarde, Citadocs⁷ e Porto Pelo Porto⁸. Projetos que, de ano para ano, foram progredindo, evoluindo e propondo o lançamento de arquivos media, constituindo, hoje, parte do património gerado pelo evento. Muitos deles derivados dos *citizen labs* antes de adquirirem identidade própria e de se tornarem autónomos.

Embora a Stopestra⁹ não seja um projeto *futureplaces*, não deixa de ter, de certa forma, a sua génese no FP, nomeadamente nas experiências originais de 2008 e 2009, com a primeira apresentação da comunidade de músicos do STOP, como um grande coletivo musical ao invés de um conjunto de bandas separadas.

Do mesmo modo, os principais desafios económicos que o país enfrentou, alimentaram o ressurgimento de um tipo específico de envolvimento por parte dos cidadãos.

Em 2012, mais e mais pessoas saíram em protesto para as ruas, opondo-se fortemente contra as medidas de austeridade, e manifestando-se com frequência nas redes sociais através da partilha de vídeos e fotos de confrontos registados a partir de um dispositivo visual móvel ou, então, postando pensamentos.

"O protesto é muitas vezes reativo, nascido do desespero. E a festa é muitas vezes um parêntese sem um propósito particular, além do entretenimento." (Alvelos, et al. 2012)

Tentando alcançar um equilíbrio que entre a participação construtiva (ou seja, o protesto sem agressão) e a celebração com propósito, o festival acabou por reinventar-se como "medialab para a cidadania"

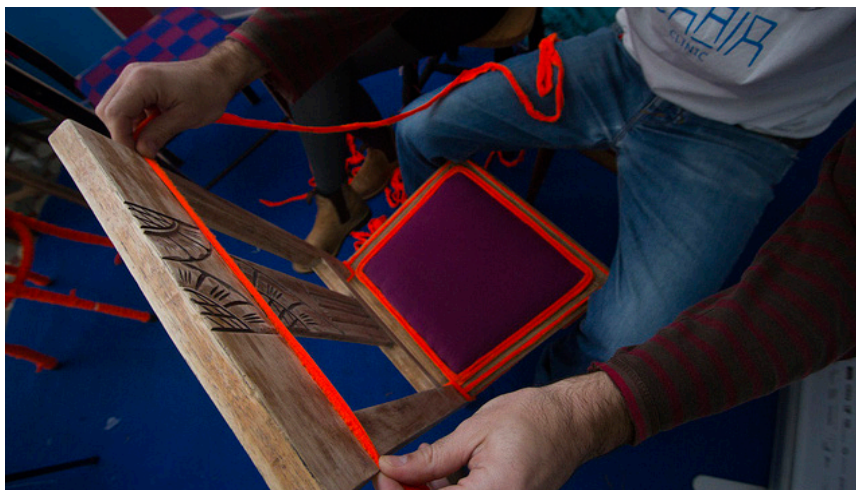


Figura 6. “Stories of Chairs” @ Edifício Almeida Garrett. Foto de Luis Barbosa. 2012

10. Fátima São Simão, diretora de desenvolvimento do Parque de Ciências e Tecnologia da Universidade do Porto (UPTEC), é também gerente executiva do futureplaces.org e representante líder da Creative Commons Portugal.

2.3.1. Antifluffy

Alvelos e São Simão¹⁰ (2017) defendem que a preferência pelo novo modelo advém do pressuposto de que se incentivam os cidadãos a fazer o pleno uso da tecnologia, ativando tanto as novas tecnologias - tecnologias do futuro - como reativando outras consideradas atualmente obsoletas, na tentativa de desvendar um mundo mais saudável e contribuir para uma verdadeira emancipação cidadã.

Por exemplo, em 2013 foram organizados, pelo músico e investigador Vítor Joaquim, três concertos no auditório Passos Manuel, cada um dedicado a um formato específico de reprodução musical: rádio, fita magnética e vinil, respetivamente. Particularmente, durante a segunda atuação, dois dos músicos em palco, Heitor Alvelos e Bruce Geduldig, tiveram a ideia de espalhar fitas VHS sobre a audiência, resultando pouco depois numa enorme pilha de fitas recolhidas com as quais se vestiram enquanto o resto dos músicos rematava o concerto.

Subsequentemente, a pilha de fitas foi a inspiração para uma criatura antropomórfica intitulada “Antifluffy”, nomeada mascote da 6ª edição por co-criação de Heitor Alvelos, Anselmo Canha, Teresa Serôdio, Bruce Geduldig e Bernadette Martou.

Desde então, ela tem marcado presença no evento, encarnando várias personagens, desde o “garoto propaganda” ao político, do cantor *death metal* ao académico, do poeta ao “escravo de selfie”, entre outras (Figura 7).



Figura 7. “Fly in the Face of Fluffy” @ Maus Hábitos. 2017

2.3.2. A metáfora Antifluffy

Na sua primeira edição, o *Antifluffy* foi convidado a participar num exercício sobre imediatismo na era pós digital, no qual acabou por embrulhar a sua audiência em fitas VHS (Figura 8). “O exercício pretendia explorar a ideia de que uma parte do nosso passado está gravada em formatos analógicos” (Moreira 2013) ao mesmo tempo que convidava o público a participar em “experiências não mediadas” (Moreira 2013), sendo a fita magnética uma metáfora para o magnetismo das relações humanas.

Com base no conceito de imediatismo por Hakim Bey (1994), Moreira (2013) dá-nos como exemplo de “experiência não mediada” o simples ato de “escrever uma carta à mão”, reforçando a importância “tanto a nível psicológico como humano de estabelecermos ligações, depararmo-nos com estranhos e trilharmos novos caminhos”.

A mascote é também “uma crítica à cultura atual de entretenimento e aos labirintos paradoxais de consumismo tardio.” (Alvelos 2014 b)

Em entrevista à *Global Voices* (2013), o *Antifluffy* mostrou-se particularmente inquieto em relação à forma como os media têm vindo a ser utilizados, uma vez que, como ferramentas altamente poderosas deveriam agir a nosso favor e não contra nós, tornando-nos mais ansiosos, deterministas e alienados.

Por outras palavras, como podemos ser saudáveis enquanto indivíduos e cidadãos se somos constantemente “bombardeados por mensagens e imagens de catástrofes” e logo depois distraídos com “futilidades, amor e *iPads*”, questiona-se o *Antifluffy*.

Este defende que não é saudável e, por isso, tem de haver um meio termo para tornar estes dois momentos esquizofrénicos harmoniosos.

Daí o “Anti” no nome.

Contudo, assegura que não deixa de ser um convite ao otimismo, à conexão e ao entendimento com tempo em oposição à sobrecarga de informação que acontece atualmente nas redes sociais e nos media.

Recentemente, a sua presença no evento adquiriu um valor mais pessoal, pois passou também a ser uma homenagem a Bruce Geduldig e à mulher, Bernadette Martou, que faleceram em 2016 e 2015, respectivamente.



Figura 8. “We are the Fluffy” @ Maus Hábitos. Foto de Luis Barbosa. 2013

2.3.3. O convite à metodologia

“O mundo não está mais rápido nem menor, mas estamos cada vez mais conscientes do seu tamanho e ritmo. (...) No entanto, os seres humanos não podem assimilar nem processar grandes quantidades de informação, uma vez que esta cresce exponencialmente a cada segundo. (...) Estamos demasiados ocupados a tentar gerir o nosso tempo, tentando viver o presente. Não há espaço para prospetar o futuro.” (São Simão 2010)

É neste contexto, de um mundo aparentemente acelerado e comprimido, sobrecarregado de informação, que os projetos dos novos doutorandos e mestrandos têm vindo a atuar.

Assim, permite-se não apenas o amadurecimento das propostas, mas também do conteúdo, levando-os a repensar na lógica do evento e do espaço, o que tem sido importante para o pensamento crítico e para o cruzamento de disciplinas e interesses, não tão comuns, de forma divertida e descontraída.

O que inicialmente era uma vocação mais próxima de festival - uma celebração aos novos media e às suas capacidades - foi evoluindo aos poucos no caminho da investigação, abrindo de certa forma portas para alguma ideologia e filosofia, que já carecia de discussão.

Neste sentido, uma parte do trabalho das últimas edições tem sido aplicada, nomeadamente, ao nível da literacia mediática e tecnológica.

Por exemplo, os dispositivos móveis são cada vez mais rápidos, têm maior capacidade de armazenamento, mas as interfaces são cada vez mais minimalistas assim como os seus menus. Outro exemplo, é o *Facebook* onde as nossas emoções são simplesmente reduzidas a simples ícones.

O que leva os participantes a debater sobre a redução da literacia e os seus efeitos na capacitação dos utilizadores, na redução de ideias, fechando assim o espaço a novas epifanias.



Figura 9. Mupi da 10ª Edição do FP @ UPTec PINC. 2017

3. Revisão da literatura¹¹

¹¹. Para evitar incluir extratos de texto num idioma estrangeiro, optou-se por traduzir para português todas as citações incluídas na dissertação (com a exceção de termos isolados ou expressões).

No seguimento do capítulo do anterior, a investigadora procurou aprofundar os fatores que levaram à evolução do evento ao longo das dez edições.

Neste sentido, achou por bem incidir esta revisão em referências de autores convidados do FP que procuram interpretar e refletir as mais importantes tendências do mundo digital na última década.

Assim, o presente capítulo inicia-se com uma breve introdução à definição dos media, passando a sua interseção com as culturas locais e por último terminando com uma retrospectiva sobre a era do pós-digital e a revalorização dos meios analógicos.

3.1. Os media

Inicialmente, foi a definição de media um dos principais fatores que motivaram um programa de Media Digitais mais amplo no âmbito da colaboração UT Austin - Portugal. (Strover 2009)

No dicionário, facilmente verificamos que a palavra “media” é a redução da locução inglesa *mass media* que define “todo o suporte de difusão de informação (rádio, televisão, imprensa, publicação na Internet, videograma, satélite de telecomunicações, etc.) que constitui ao mesmo tempo um meio de expressão e um intermediário na transmissão de uma mensagem.” Também é usada para designar o “conjunto dos meios da comunicação social.” (Priberam)

Deste modo, somos raramente convidados a pensar no real papel dos media enquanto agentes mediadores de relações humanas mediadas e não mediadas. (futureplacesfestival 2016 b)

Por exemplo, a música de fundo. Ela é um fator condicionante em espaços como lojas, na medida em que pode influenciar o estado de espírito do cliente, motivando-o a comprar através da energia transmitida pelo ritmo. (futureplacesfestival 2016 b)

Já McLuhan (1964) defendia que os media ao alterarem o meio ambiente evocam em nós proporções únicas de perceções sensoriais; e que a extensão de qualquer sentido altera a forma como pensamos e agimos, criando gradualmente um ambiente novo.

Em suma, os media são importantes agentes de mudança, pois permitem-nos expressar, refletir e conhecermo-nos uns aos outros. (Strover 2009)

3.2. Os media e a cultura local

“Se os media digitais podem fazer tanto pela comunicação global, pelo conhecimento e pela criatividade, como podem eles contribuir para o desenvolvimento da cultura local?” (Alvelos in Taylor 2010)

Strover (2009) começa por reconhecer a importância de compreender de que forma os meios de comunicação transformam a nossa cultura e o nosso senso de humanidade.

Segundo ela, os meios de comunicação são, em parte, sobre contar histórias e os seres humanos vivem através e pelas histórias, o que significa, que quem reúne essas histórias também tem o poder de moldar a nossa cultura.

Por sua vez, a nossa percepção cultural varia muito consoante o local onde vivemos, influenciada pelas nossas reivindicações morais, pelos tipos de sistemas políticos e económicos que nos rodeiam e pelas pessoas com quem interagimos.

Como o acesso às ferramentas de contar e distribuir essas histórias nunca foi tão fácil, criaram-se novas oportunidades de expressão dentro do ambiente local. E por isso, a sua flexibilidade terá encorajado a surgir novas formas de produção, participação e consumo, transpondo as barreiras do mundo físico.

“Embora as tecnologias tradicionais de transmissão tenham sido historicamente limitadas pela escassez de espetro e enormes despesas de infraestrutura, a produção media digital veio contornar esses obstáculos e criar conteúdo sofisticado, comunicando-se diretamente com o mundo a partir de um PC, *laptop* ou dispositivo móvel.” (Gustafson 2010)

“Se tradicionalmente” lugar “significava uma área enraizada e geograficamente definida, e as pessoas, dentro dela, unidas por regras e opções de proximidade, agora as redes baseadas em tecnologia criaram novos lugares para todos nós.” (Strover 2009)

Foi nesse sentido que as primeiras edições do festival começaram por tentar capturar esse senso de ambiente digital, explorando de que formas poderia ele intersestar-se com a cultura local.

Por exemplo, “written europe and ciudad escrita” foi um dos projetos acolhidos pelo festival na edição de 2009, cujo propósito era tentar encontrar as características específicas - gráficas e arquitetónicas - de uma cidade ou país, a fim de comparar as diferentes formas de inscrever o espaço público, usando as novas tecnologias para preservar a memória e o património gráfico e, simultaneamente, pensar em propor um futuro novo e melhorado para a área analisada. (Riaza 2010)

3.3. Uma retrospectiva do Pós-Digital

Ao longo da última década, a forma como olhamos o futuro e as tecnologias tem mudado radicalmente. A impossível separação entre os meios tecnológicos e o nosso quotidiano tem nos levado a refletir sobre o nosso contínuo deslumbramento pela tecnologia, agora que esta não é mais novidade.

Por exemplo, “a frequência com que somos induzidos a adquirir um novo dispositivo digital ou a aderir a um novo sistema de comunicação, sem compreender de facto o impacto do anterior - a sua influência sobre nós.” (Alvelos and São Simão 2017)

A tecnologia superou o seu propósito inicial - auxiliar-nos - passando agora a emitir palavras de comando como “goste, comente e partilhe”.

A forma como ela implica subentendidamente um utilizador descapacitado, “um indivíduo incapaz de cumprir a premissa, não confiável, incapaz de autotranscendência, senão para o dispositivo em questão”. (Alvelos, et al. 2015)

Além de nos individualizar cada vez mais, no sentido de nos dividir e não de agregar, ao contrário da premissa que defende.

“Compartilhar” não é mais que “um puro processo de amplificação estatística, mas perversamente disposto a manter uma aparente narrativa de generosidade a todo custo.”(Alvelos, et al. 2015)

Segundo Alvelos, Canha e São Simão (2015), perpetuam-se ideias de rebelião, revolução e constatação mas não a sua experiência difícil e impactante, o que acaba por naturalmente ser oposto da vontade de sonhar, transgredir, cultivar, reinventar a partir do zero que surgiu com o pós-Segunda Guerra Mundial.

Também a palavra “comunidade” não é mais que uma forma nas redes sociais de descrever estatísticas, fragmentos de uma população com características específicas. (Alvelos and São Simão 2017)

Caraterísticas essas que usam para nos impingir anúncios publicitários, tendo por base estratégias de marketing digital.

Assim sendo, desde 2008, o *Futureplaces* tem abordado as mais importantes tendências dos media digitais nos últimos anos, e ao fazê-lo tem envolvido importantes atividades de capacitação e reflexão crítica, criando assim um ambiente propício para futuras oportunidades de envolvimento social, experimentação artística, inovação tecnológica, desenvolvimento educativo, económico e social.

“(...) epifanias de várias escalas, revelações... imagens repentinas que abrem possibilidades e leituras de quem somos. Inesperada (e improvável) convergência de talentos, repertórios e sensibilidades, derrubando paredes que afinal não estavam lá, a acessibilidade do ato criativo. Uma pedagogia abrangente de nada a perder.” (Alvelos, et al. 2015)

Só a partir da experiência poderá romper um nós “uma consciência própria para as possibilidades de contribuição e do impacto potencialmente tangível das nossas próprias capacidades intrínsecas.”(Alvelos, et al. 2015)

É-nos dado como exemplo, o caso de outubro de 2014, no qual um grupo de não-guitarristas, pessoas desconhecidas sem experiência prévia em tocar guitarra, juntou-se uma manhã, sabendo que, em 12 horas, teriam que tocar ao vivo, como guitarristas, num palco formal diante de uma audiência. Consequentemente, “a sensibilidade acústica dos não-músicos é reforçada e os formatos de composição habituais são destruídos e o conceito de “concerto” é questionado.”(Alvelos, et al. 2015) Conclui-se então que “não é necessário ser exímio executante de uma determinada norma, havendo a possibilidade de ponderar diferentes estratégias daquelas que são habitualmente comunicadas, e por assim dizer, exprimir outras formas de pensar e agir.”(Canha in Nascimento 2017)

3.4. A valorização do analógico

Em 2009, Phil Taylor um dos convidados a palestrar apresentou a sua pesquisa: “integração de práticas e aplicação dos media digitais, dentro de ambientes criativos do Ensino Superior”, com especial foco em imagem e vídeo.

Tendo por base uma colaboração anterior com a Universidade de Brighton e o *Royal College of Art* num projeto de pesquisa conjunto intitulado “Bridging the Gap in Moving Image: connecting new and traditional technologies for enhanced communication between students, academic and support staff across art and design”, onde se abordaram três pontos principais:

“1) Analogo versus digital no processo criativo. 2) A ‘Impaciência’ – a lacuna entre as expectativas e experiência em relação ao tempo envolvido na aprendizagem e no ensino da imagem em movimento. 3) Quais as implicações culturais mais amplas do uso das tecnologias digitais contemporâneas no currículo?”(Taylor, 2010)

Durante a pesquisa ficou evidente que o fenómeno “Lo-Fi” dentro da aplicação de tecnologias analógicas e digitais como parte do processo criativo era um tópico muito debatido entre funcionários e estudantes.

Foram recolhidos múltiplos pontos de vista e opiniões expressas pelos envolvidos, com os quais foi possível concluir que os estudantes graduados da Universidade de Brighton, em particular a geração mais recente, não estaria tão atraída pelas media digitais como a geração dos anos 80.

Dito isto, o fenómeno da tecnologia digital e da autopublicação não é mais que um dado adquirido para os que cresceram na era dos computadores.

Pelo contrário, “eles estão cada vez mais interessados no análogo, no filme Cine de 16mm, na velha máquina de escrever”, de tal modo que a “existência de uma instalação de tipografia tradicional totalmente equipada é um dos recursos mais populares” da Universidade Brighton. (Taylor 2010)

Embora à luz desta descoberta, se tenham levantado outras questões: 1) o que os leva estarem tão intrigados pelas tecnologias antigas; 2) onde os educadores vêem a lacuna entre o antigo e o novo, quando os alunos não o fazem?

Algumas das respostas podem ser encontradas ao nos afastarmos do contexto académico para a cultura popular da Internet, onde não há barreiras para alcançar um público mais amplo.

“(...) a reprodução em massa de obras de arte e a auto-expressão através de tecnologias digitais significa para a geração de “iPod” que a magia do digital não importa - a alquimia do análogo é mais imprevisível, e, portanto, mais atraente. O mesmo pode ser dito de música e autopublicação.”(Taylor 2010)

Por exemplo, a existência de inúmeros aplicativos de telemóvel que permitem ao utilizador gravar, editar e partilhar conteúdo com relativa facilidade nas redes sociais ou outros sites de compartilhamento é característico das gerações atuais, sobretudo de aspirantes a músicos e criativos, como cineastas e ilustradores.

O processo é rápido, profissional e não requer nenhum intermediário para dificultar a unidade de autoexpressão.

Em contra medida, mostram-se mais interessados em aderir a instrumentos e processos analógicos na produção desses conteúdos, pois criam espaço para um relacionamento mais íntimo e autêntico entre autor e a obra.

A mesma tendência ecoa no mundo profissional, sobretudo nas artes cinematográficas. Por exemplo, produtores de cinema que exploram técnicas de animação analógica que são menos polidas em qualidade estética que o CGI, como o stop motion e o claymation.

Enfim, a quantidade de referências e de exemplos que hoje se pode encontrar no dia-a-dia e online, sobre esta e outras temáticas - tendo em conta a escala temporal no qual o projeto se encontra inscrito - leva a que a investigadora restrinja a pesquisa, sem prejuízo de um estudo mais amplo a desenvolver oportunamente.



Figura 10. “[U.] Porto Personal” @ Reitoria UP. Foto do Luis Barbosa 2016

4. Metodologias¹²

Num processo de investigação deve explicar-se, detalhadamente, os princípios metodológicos e métodos a utilizar. Neste capítulo, inclui-se, por isso, toda a explicitação e fundamentação no que diz respeito às opções metodológicas tomadas e instrumentos de recolha utilizados durante a execução deste projeto.

Começamos por uma breve caracterização do estudo. O problema insere-se num âmbito social, cultural e educativo, sendo ele um campo propício à adoção de metodologias qualitativas, devido à natureza dos eventos a observar, ao grau de complexidade envolvido e às múltiplas interações que se proporcionam no espaço onde se desenvolvem.

Esta natureza também aponta para uma abordagem simultaneamente exploratória e interpretativa ideal para aprofundar conhecimentos através do trabalho de campo.

Neste sentido, os métodos de investigação adotados foram vários e adaptados aos objetivos inicialmente definidos: entrevistas, conversas informais, análise documental, observação participante e não participante, recolha de artefatos... E os instrumentos de recolha privilegiados foram um caderno de campo, uma câmara fotográfica e um telemóvel.

A fim de recolher informação de várias fontes, cruzar dados e tirar conclusões sustentáveis e, talvez, descobrir relevâncias que contribuam para melhorar edições posteriores, a investigadora decidiu dividir o processo de investigação em quatro fases principais.

4.1. Pré-Futureplaces

Numa primeira fase, a investigadora procurou conhecer e entrevistar a comissão do evento, assistir às reuniões de planeamento e de organização do mesmo, a fim de se familiarizar melhor com o contexto de estudo.

Heitor Alvelos, Anselmo Canha e Fátima São Simão foram os três principais comissários do evento entrevistados pela investigadora numa entrevista conjunta e semi-estruturada (Ver apêndice B). Como tal, não só foi possível os entrevistados relatarem o percurso da missão do evento como também referir alguns dos episódios mais significativos desta experiência.

Por exemplo, a participação de um grupo de estudantes com Síndrome de Down na edição de 2011 (Figura 11), após uma entrevista ao curador na RTP, na qual este repetiu mais que uma vez: “todos são bem vindos”.

¹². Para evitar incluir extratos de texto num idioma estrangeiro, optou-se por traduzir para português todas as citações incluídas na dissertação (com a exceção de termos isolados ou expressões).

13. Considerou-se que esta entrevista era de natureza muito específica pelo que acabou apenas por servir o propósito de familiarização com o evento.



Figura 11. "Type the Future" @ Praça de Poveiros. Foto de Luís Barbosa, 2011

A investigadora entrevistou também Luís Barbosa, fotógrafo oficial do evento desde 2008, com exceção de 2009, porém com um guião mais focado na sua visão externa como fotógrafo, ou seja, na sua leitura através da imagem.¹³

As duas entrevistas foram gravadas em formato áudio, a partir de um smartphone, mediante a autorização dos entrevistados e mais tarde transcritas para notas de campo.

Enquanto as entrevistas tinham como propósito conhecer e compreender os fatores que influenciaram o percurso da missão *futureplaces*, as reuniões constituíam sobretudo uma oportunidade para o contacto em primeira mão com a comunidade existente em torno do evento, adquirindo ainda uma perspetiva interna tanto do trabalho realizado como das suas limitações.

Para complementar, a investigadora consultou a documentação disponível em futureplaces.org - site oficial do evento - com a intenção de identificar e analisar atividades; notícias, publicações, vídeos (documentários e podcasts no *Youtube*) e albúns de fotos (*Flickr*); e outras fontes noticiosas como o P3, o *JornalismoPortoNet* e o site oficial da Austin-Portugal Colab.

4.2. Participação no Evento

A décima edição ocorreu entre os dias 17 e 21 de outubro de 2017 e focou maioritariamente as suas atividades entre o PINC¹⁴, o Maus Hábitos e o Passos Manuel. Aproveitando ainda outros espaços como o Mira Forum¹⁵ para uma visita guiada à exposição “Propaganda nas Eleições Presidenciais dos EUA, 2016” com José Pacheco Pereira; o Rosa Imunda¹⁶ para a apresentação do jogo “Commonspoly”, uma versão alternativa ao Monopólio; o Museu das Marionetas do Porto, o Teatro Municipal Rivoli e o Bloco Duque de Saldanha¹⁷.

A presença da investigadora no local da ação foi fundamental para o desenvolvimento do projeto, uma vez que pôde observar, interagir e comunicar com os participantes e coordenadores das diferentes oficinas, de modo a compreender o contexto atual e dar continuidade ao projeto.

Naturalmente, o facto de múltiplas oficinas estarem programadas para ocorrerem ao mesmo tempo, quer no mesmo espaço, quer em espaços diferentes, não só motivaram a opção da investigadora por uma observação não participante como também acompanhar o fotógrafo Luís Barbosa e o videógrafo António Castro encarregues de fazer a cobertura multimédia do evento.

Salvo, as raras exceções em que a investigadora interveio para abordar os coordenadores e pedir-lhes para guardar qualquer material físico que fosse produzido - esboços, protótipos, fragmentos de materiais usados, entre outros - embora fosse facultativo, visto que seria legítimo os participantes quererem guardar os *outputs* para si. E ainda, para participar, como foi no caso de “Azulejos do Porto” (Figura 12) onde a investigadora quis aprender e experimentar técnicas de pintura em azulejo.

14. Polo das Indústrias Criativas do UPTEC

15. Segundo armazém da rua de Mirafior (Campanã) com o número 155 que funciona como galeria para exposições, apresentações, lançamentos de livros, conferências, debates e tertúlias, etc. (<http://miragalerias.net/>)

16. Casa antiga no centro da cidade, com um miradouro sobre a cidade, onde está alojada uma pequena associação cultural, na Travessa do ferraz, nr 13. Porto.

17. O Bairro Duque de Saldanha, o mais antigo bairro social da cidade do Porto, construído em 1940 e requalificado em 2005, situado na Freguesia do Bonfim. (<http://www.domussocial.pt>)



Figura 12. Azulejos do Porto @ UPTEC PINC. Foto de Luis Barbosa. 2017

4.2.1. Observações

Numa breve apresentação aos participantes, cada coordenador resumiu muito sinteticamente o contexto e os objetivos do seu respetivo *citizen lab*.

Os *citizen labs* desta edição incluíram a construção de *cyborgs*, jogos de tabuleiro, jogos baseados em localização, cadernos ilustrados, pintura em azulejo, produções fotográficas, entre outras atividades.

Independentemente do grau de complexidade, a investigadora verificou os seguintes cenários:

Em “19 Diaries” (Figura 13), os participantes foram convidados a criar um diário analógico, usando qualquer meio exceto mediação audiovisual - ilustração, recorte, colagem, etc... - para documentar a sua experiência no evento.

José Raimundo, um dos participantes deste *citizen lab*, salientou a importância desta forma de registo numa atualidade em que a tendência generalizada é o uso de dispositivos tecnológicos - smartphones, câmaras digitais... etc. - como forma preferencial de registo, dado que garantem mais eficazmente qualquer detalhe ou pormenor despercebido numa observação menos atenta.

Por oposição, o participante acredita que este “procedimento se traduz numa perda potencial de uma observação atenta”, já que o registo rápido com recurso a meios tecnológicos tende a ser menos refletido e a conexão estabelecida pelo sujeito com o mundo ou os objetos visados mais frívola e superficial. Correndo “o risco de ser apenas mais um conteúdo acumulado no repositório digital a que nos habituámos a tomar por incorruptível ou um dado adquirido.”

Em “33 Remixes” (Figura 14), os participantes foram convidados a atuar diretamente sobre a superfície de um meio que há muito caiu em desuso - o disco de vinil. De facto, para alguns foi o seu primeiro contacto com este meio. Os participantes foram encorajados a alterar graficamente a superfície das cópias de vinil com recurso a ferramentas disponíveis como chaves, fita adesiva, x-ato, lixa, criando assim o seu remix instantâneo. Também recriaram as respetivas capas, desenhando sobre elas com marcadores de ponta de filtro.

Por último, resultados interessantes foram ouvidos e a expressão que mais se repetiu entre os participantes, durante a escuta, foi “Pray for the needle”. Foi possível observar o entusiasmo dos participantes durante toda a sessão.



Figura 13. "19 Diaries" @ UPTec PINC. 2017



Figura 14. "33 Remixes" @UPTec PINC Jardim. 2017

Houve ainda participantes que aproveitaram essa sessão (Figura 15) para registrar a sua experiência pessoal no seu diário analógico.

A partir destas oficinas, "os participantes tiveram a oportunidade de explorar ativamente os limites dos suportes, instrumentos e processos utilizados, relacionando-os de forma diversa, procurando inclusive limitações auto-impostas de modo a obterem resultados inovadores e improváveis" - por exemplo, os timbres da voz traduzidos por gestos - "com os quais não só o próprio autor se consegue conectar, mas também surpreendentemente todos os que observam o resultado ou testemunham o processo à medida que este se desenrola." (Raimundo 2017)

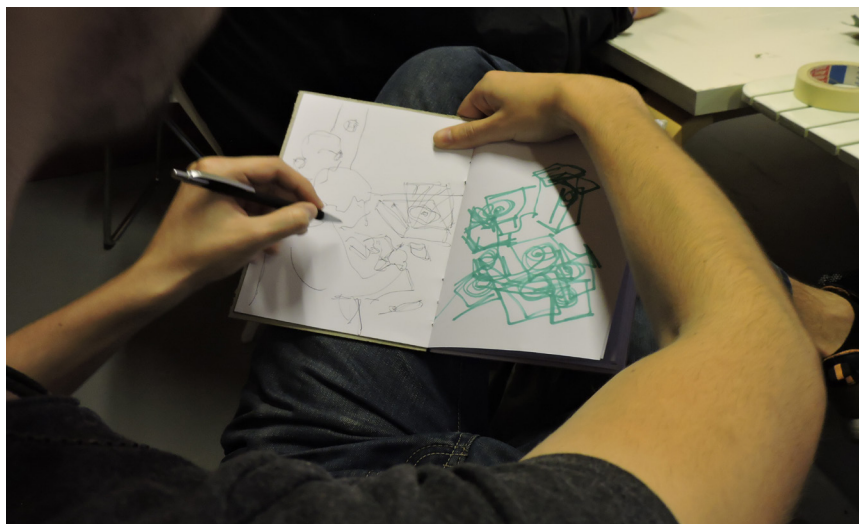


Figura 15. “33 Remixes / 19 Diaries” @ UPTEC PINC Jardim. 2017



Figura 16. “Metamorphosis of Space: session 2” @ UPTEC PINC Cowork. Foto de Luis Barbosa. 2017

Por último, o facto de ambos os *labs* ocorrerem em simultâneo com “Metamorphosis of Space” (Figura 16) evidenciou um interesse renovado pela valorização do analógico.

Devido à pouca adesão, a coordenadora de “Metamorphosis of Space”, Cláudia Lima, acabou por estender o exercício de observação e registo por meio da fotografia das mutações de um objeto ou espaço, durante o dia, às mutações provocadas pelos participantes de “33 Remixes” nos discos de vinil.

As oficinas que desafiaram a explorar a cultura local também tiveram bastante adesão nesta edição. São exemplos “Designing Multiculturality” (Figura 17), “Doc under the Block” (Figura 18) e “Beaconing” (Figura 19).



Figura 17 “Designing Multiculturality” @ Museu das Marionetas. 2017



Figura 18. “Doc Under The Block” @ Duque Saldanha. 2017

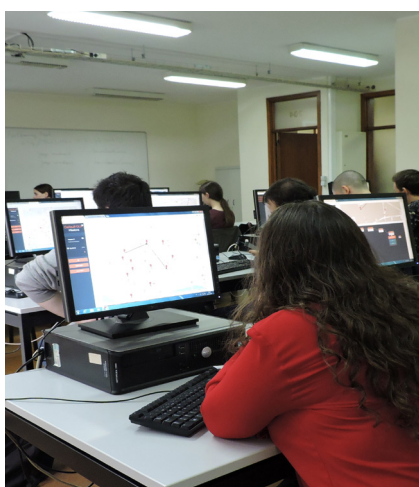


Figura 19. a) e b) “DMLL/Beaconing” @ MIL Room 204. 2017

Este último propôs aos participantes criarem jogos de aprendizagem para dispositivos móveis baseados em localização. O exercício exigia que o jogador se deslocasse ao próprio local para desbloquear um desafio, e assim, sucessivamente, dentro de um itinerário já por ele predefinido através de aplicativo simples sem necessidade de conhecimentos de programação.

Com a noite, outras atividades ganharam destaque: o concerto de “Kaminhus di Férru” no Passos Manuel (Figura 20) e a sessão de poesia e videojogos nos Maus Hábitos (Figura 21) são dois dos exemplos.

Deste modo, a investigadora comprovou que o evento não atua apenas no plano da academia, mas também proporciona momentos de entretenimento e descontração; não é apenas direcionado a investigadores e a estudantes do ensino superior, mas também aberto gratuitamente ao público; ou seja, qualquer um pode participar, pois não lhe é exigido qualquer conhecimento prévio ou familiaridade com os meios.

“(...) desde o investigador à velhinha que mora na ilha, ao jovem que jamais tocou uma guitarra na vida. Criar condições para que isso surja espontaneamente e tenha impacto nas pessoas, passando a despertar outro tipo de perceção”. (São Simão in Nascimento 2017)



Figura 20 Kaminhus di Férru, com a Rádio Manobras, Steven Brown e convidados
@Passos Manuel. 2017

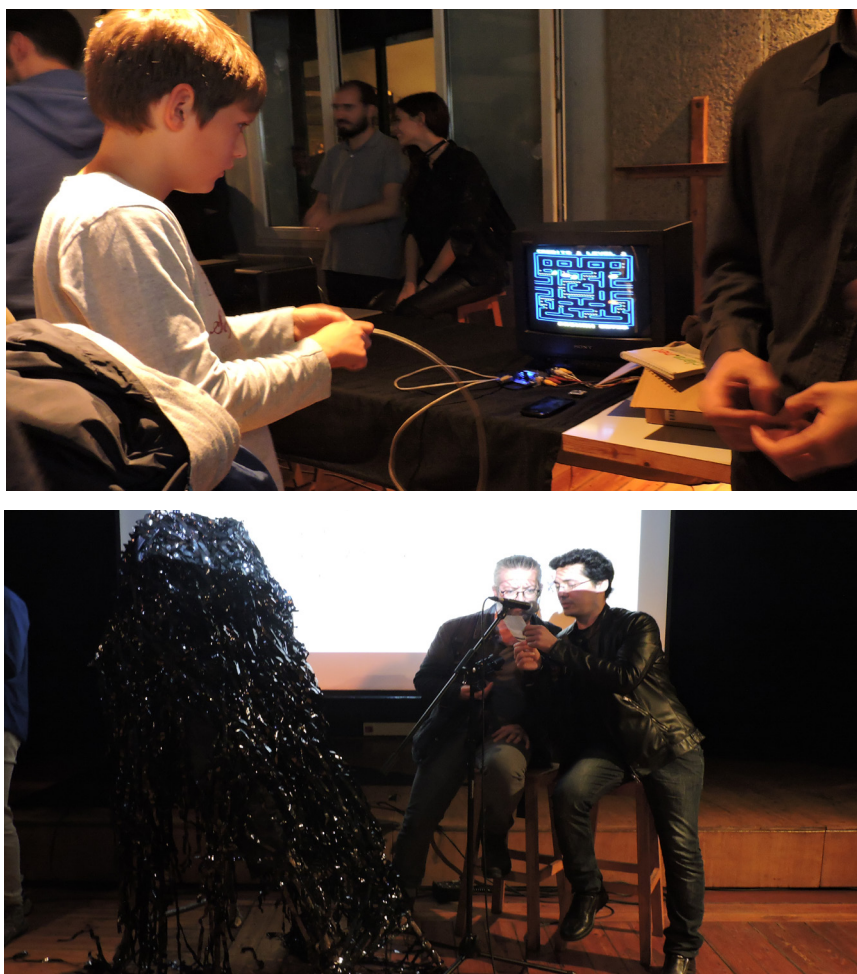


Figura 21. a) e b) "Arcade Room + Open mic with Antifluffy" @Maus Hábitos. 2017

Para terminar, na sessão de encerramento do evento, os participantes tiveram a oportunidade de estar à conversa com Maria Fernanda Rollo, secretária de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, que aproveitou essa sessão para reforçar o papel da comunidade educativa na produção de conhecimento “não para” mas “com a” sociedade (Figura 22).

Para Rollo compete à comunidade educativa como “produtora de pensamento” abrir o caminho à formação dos cidadãos, ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia, ainda que ela possa estar condicionada pelo funcionamento ortodoxo das instituições.

O facto de Portugal estar a viver um momento interessante ao nível do contexto internacional, não só trouxe desafios como também contribui com oportunidades para aumentar a nossa “capacidade de trabalhar em contextos co-criação, de forma colaborativa e aprendizagem mútua” (Rollo 2017).

Aliando isso à “responsabilidade social, científica e promotora de uma relação renovada com as instituições”, ela deve procurar “envolver as

peças e até mesmo reforçar ao nível identitário” (Rollo 2017).

Neste contexto, a senhora secretária de Estado defende a necessidade de apostar em iniciativas que vão ao encontro da ciência cidadã, da ciência colaborativa e da inovação como o FP.

Em suma, concluiu-se que a era digital é sem dúvida uma era de oportunidades, “mas também pode constituir um factor de afastamento terrível sobretudo se olharmos para assimetrias e desigualdades do País” (Rollo 2017).



Figura 22. Sessão de Encerramento com a Dra. Maria Fernanda Rollo. @Passos Manuel.
Foto de Luis Barbosa. 2017

4.3. Recolha do Espólio

Tendo em conta que, numa década o FP acolheu e consolidou uma série de projetos de pesquisa aplicada, realizou mais de quarenta oficinas, incluindo concertos, simpósios, exposições, mesas redondas e outras atividades, foi necessário limitar a “amostra”.

O facto de a investigadora propor atualmente reunir um espólio de objetos e materiais físicos gerados pelo próprio evento durante essa década, levou-a assumir um papel muito semelhante ao de um arqueólogo.

Primeiro, com a ajuda do orientador começou por listar os *citizen labs*, que poderiam ter ou não produzido efectivamente esses materiais.

De seguida, contactou por email os respectivos coordenadores, explicando o âmbito do projeto e pedindo aos interessados para, caso possuíssem algum *output*, para além dos já documentados digitalmente

no site oficial do evento, entregarem diretamente à investigadora ou deixar numa caixa designada para o efeito, colocada no estúdio do PINC, com a respectiva identificação do laboratório. Salvaguardando na mensagem que a entrega seria facultativa, pois seria de todo legítimo que os participantes quisessem guardar os *outputs* para si.

Durante a recolha, a investigadora foi reparando que grande parte do material entregue era de natureza documental, pois a maioria dos coordenadores afirmava ter na sua posse mais *outputs* digitais (imagens e vídeos) que propriamente *outputs* físicos (protótipos). Isto porque, os participantes os levavam consigo ou estes acabavam por se deteriorar com o tempo. Por exemplo, as letras 3D de esferovite do Miguel Januário¹⁸.

Por outro lado, existiam *outputs* que precisavam de ser replicados e outros com demasiado valor que exigiam seguro, o que levou a investigadora a descartá-los, dado não ter local nem dia definidos para a realização da exposição ainda nesta fase. Uma decisão que só poderia ser tomada, após um inventário completo do material coletado.

A recolha começou a 6 de novembro de 2017 e terminou a 5 de fevereiro de 2018. (Ver apêndice A)

¹⁸. Coordenador de "Type the Future" 2011. Ver figura 11, pp.40.



Figura 23. Recolha Pós-Futureplaces @Passos Manuel. 2017

5. Conclusão¹⁹

O presente projeto propôs fazer uma retrospectiva do trabalho levado a cabo pelo Futureplaces ao longo de 10 edições.

O facto da investigadora só ter tido a oportunidade de participar nas duas últimas edições, levou a que fosse necessário fazer uma reconstrução retrospectiva através da análise documental.

Como resultado das metodologias aplicadas, foi possível confirmar a contribuição deste evento para a capacitação social e cultural dos cidadãos e organizar uma exposição retrospectiva com objetos e materiais físicos gerados pelo evento, recolhidos pela investigadora.

A investigadora verificou e confirmou que o foco principal do evento nunca foi a gestão do património material gerado pelo evento ao longo de dez edições consecutivas.

“(…) temos um repositório online, é quantificável mas não é esse o objetivo. Construir um património sim, mas não a sua monitorização ou quantificação.” (São Simão in Nascimento 2017)

O mesmo se aplica aos *outputs* físicos, com exceção de não existir propriamente um repositório para eles, visto que os participantes possuem toda a legitimidade para os levar consigo.

Além do mais, outros factores como a reprodutibilidade e durabilidade de certos materiais dificultariam a sua manutenção. Daí a presença relativamente escassa deles.

A produção efectiva de *outputs* levou ao emergir de uma dimensão experimental e pedagógica.

Podemos concluir assim que o ganho do FP não é quantitativo, mas sim essencialmente qualitativo. Por outras palavras, depende da forma como os participantes intuem profundamente e concretizam em ação o que está a ser proposto, sintonizados com o local, os meios e os modos de agir. (Canha in Nascimento 2017)

Verificaram-se então atividades que potenciam a aprendizagem, o diálogo, o debate, a proximidade do autor com a obra, o contacto com tecnologias obsoletas e jogos mais tradicionais, a interação direta ou indireta entre o mundo digital e o físico.

Para a investigadora, celebrar a cidadania e pensar no futuro de forma sóbria através dos media digitais e analógicos são os pilares fundamentais do FP.

¹⁹. Para evitar incluir extratos de texto num idioma estrangeiro, optou-se por traduzir para português todas as citações incluídas na dissertação (com a excepção de termos isolados ou expressões).

Neste sentido, recomenda-se uma continuidade no investimento em vertentes relacionais e analógicas, como contraponto à ubiquidade digital existente em outras frentes contemporâneas.

E também, que de agora em diante, o FP passe a integrar de forma permanente equipas e sistemas de agregação, arquivo e operacionalização de produção material, como dispositivos, ferramentas e *outputs*.

Numa análise geral ao trabalho levado a cabo pela investigadora, conclui-se que há ainda muito a ser explorado no âmbito deste evento.

O facto do próprio curador do evento defini-lo como “uma junção de ingredientes e agentes que reunidos costumam encontrar uma vida própria” (Alvelos in Silva 2017) obrigou a investigadora a estabelecer restrições à própria pesquisa.

Por exemplo, a questão de ter a sua pesquisa a incidir sobretudo em referências de autoria de oradores convidados pelo Futureplaces, tendo em conta que o universo dos temas abordados se poderia expandir muito mais. Para além dos autores já referenciados, outros poderiam ter feito parte do leque de referências relevantes ao projeto, como Elizabeth Stark, Jillian York, Jon Wozencroft, Silva Vaidhyanathan, entre outros.

Tempo de execução e disponibilidade dos envolvidos também foram outros factores a ponderar.

Como consequência, a própria exposição correspondente a esta investigação só pôde ser realizada de forma exploratório já após a submissão do documento escrito (Ver apêndice C). Na eventualidade da realização pública de uma versão desta exposição, o *feedback* será eventualmente analisado e integrado.

Por último, teria sido interessante enriquecer o trabalho com mais testemunhos dos participantes dos citizen labs desta edição.

6. Bibliografia

- “20151024 FP PM Fátima São Simão Interview”. *YouTube*, uploaded by futureplacesfestival, 29 Mar. 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=2qblcWCAOF0>. Accessed 9 September 2017.
- “20151024 FP PM Heitor Alvelos e Anselmo Canha Podcast”. *YouTube*, uploaded by futureplacesfestival, 29 Mar. 2016 b, <https://www.youtube.com/watch?v=pQeKzf15yIo&t=1s>. Accessed 9 September 2017.
- Alvelos, Heitor. “No longer longing: digital media as the agent of contextual change”. Essay for futureplaces.org, 2009.
- Alvelos, Heitor, Karen Gustafson and Fátima São Simão. “Between Riot and Rave: Five Years into a Digital Media Festival.” *Heitor Alvelos*, 25 Dec. 2012, heitoralvelos.wordpress.com/2012/12/20/five-years-of-futureplaces/.
- Alvelos, Heitor. “Dissolution as Reinvention”. Essay for futureplaces.org, 2014.
- Alvelos, Heitor. “Antifluffy”. Essay for futureplaces.org, 2014 b.
- Alvelos, Heitor, Anselmo Canha and Fátima São Simão. “Why it makes sense to speak of emancipation: an overview of futureplaces as a current space for Punk to rise and reinvent”. Essay for futureplaces.org, 2015. Full essay is available on the KISMIF proceedings (PDF).
- Alvelos, Heitor and Fátima São Simão. Interview for *Radio Nova*, 2017. Available at radionova.fm. Accessed 20 October 2017.
- Flickr*, www.flickr.com/photos/futureplaces_2011/sets/. Accessed 16 June 2018
- “Future Places 2010”. *YouTube*, uploaded by futureplacesfestival, 24 Oct 2015 a, <https://www.youtube.com/watch?v=7ShvPD8T4Pc&t=145s>. Accessed 9 September 2017.
- “Future Places 2011”. *YouTube*, uploaded by futureplacesfestival, 24 Oct 2015, <https://www.youtube.com/watch?v=I1zUaxa5OCM>. Accessed 9 September 2017.
- “Future Places 2012 UK”. *YouTube*, uploaded by futureplacesfestival, 24 Oct 2015, <https://www.youtube.com/watch?v=R9MCBN85WzA>. Accessed 9 September 2017.
- Gustafson, Karen. “Emerging Directions”. Essay for futureplaces.org, 2010.

- “Home - UT Austin|Portugal CoLab”. *UT Austin|Portugal: International Collaboratory for Emerging Technologies, CoLab*, utaustinportugal.org/. Accessed 27 Jul 2017.
- “Labs”. *FuturePlaces*, futureplaces.org/labs/. Accessed 17 Nov 2017.
- McLuhan M. *Understanding Media: The Extensions Of Man*, W. Terrence Gordon, 1964. pp 69.
- Moreira, Sara. “Bring Your Tapes: welcome to the post-digital era”. Translated by Diana Coelho. Interview with Antifluffy/Essay for *Global Voices*, 2013. Available at globalvoicesonline.org.
- Nascimento, Ana. Personal interview with Heitor Alvelos, Anselmo Canha and Fatima São Simão, 27 Jul 2017.
- Nascimento, Ana. Personal interview with Luis Barbosa, 27 Jul 2017.
- “Purdue OWL: MLA Formatting And Style Guide”. *Owl.English.Purdue.Edu*, 2018, <https://owl.english.purdue.edu/owl/resource/747/01/>.
- “Projects”. *FuturePlaces*, futureplaces.org/projects/. Accessed 17 Nov 2017.
- Raimundo, José. “FUTUREPLACES 2017 - Laboratórios De Cidadania”. *19 Diaries*, Blogger, 30 Oct 2017, <http://fpcitizen.blogspot.com/2017/10/19-diaries.html>.
- Riaza, Belén González, “written europe and ciudad escrita”. Essay for futureplaces.org, 2010.
- Rollo, Maria Fernanda. Closing Address. 21 Oct 2017.
- Strover, Sharon. “Digital Media, Local Cultures”. Essay for futureplaces.org, 2009.
- São Simão, Fátima. “Worldwide Future”. Essay for futureplaces.org, 2010.
- “Significado/média de Dicionário no Priberam da Língua Portuguesa”. *Priberam*, <https://www.priberam.pt/dlpo/média>. Accessed 13 June 2018.
- Silva, Felipa. “Future Places: E se fizessemos um arquivo digital dos azulejos do Porto?”. Interview with Heitor Alvelos/Essay for *Jornalismo Porto Net*, 2017. Available at jpn.up.pt. Accessed 20 October 2017.
- Taylor, Phil. “The Lo-Fi Phenomenon – Analogue versus Digital in the Creative Process”. Essay for futureplaces.org, 2010.

7. Apêndices

- 59** **Apêndice A:** Inventário de outputs do Futureplaces
- 69** **Apêndice B:** Entrevista à Comissão do Futureplaces
- 78** **Apêndice C:** “The Museum of Past Futures”

Apêndice A: Inventário de outputs do Futureplaces

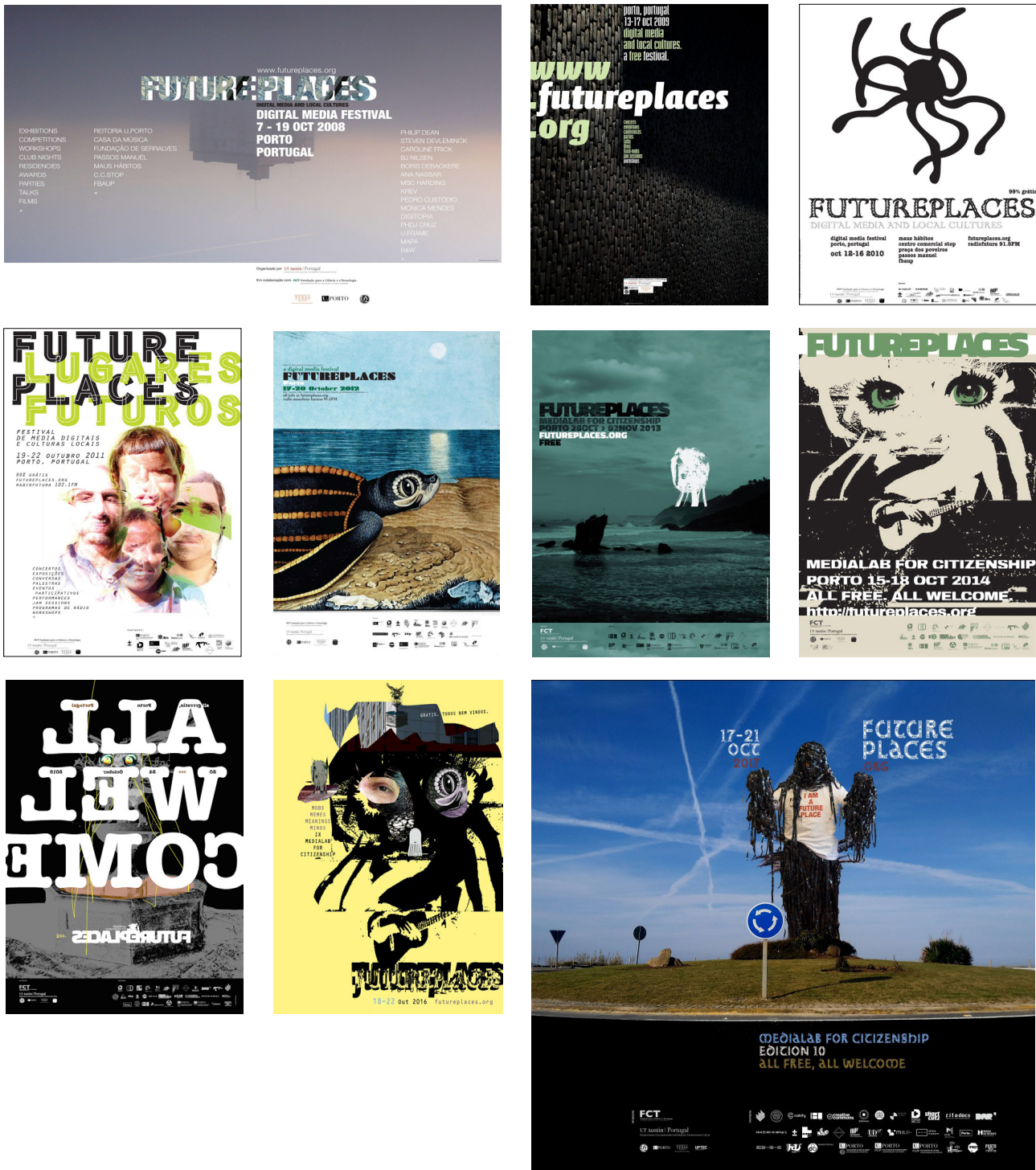


Figura 24. Cartazes (2008-2017)

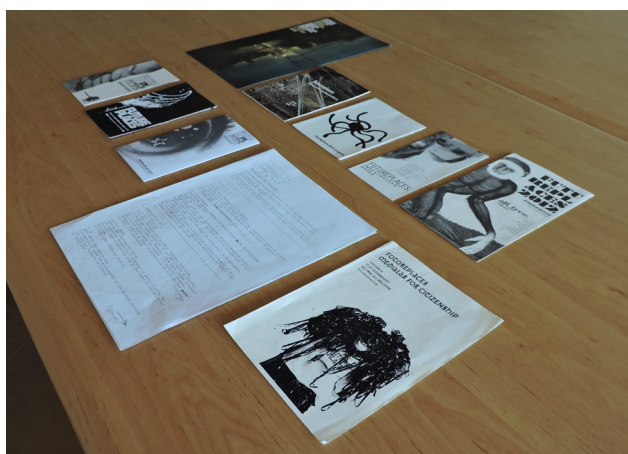


Figura 25. Programas (2008 - 2017)



Figura 26. Cartões, convites, autocolantes, óculos...



Figura 27. Livros editados (2009 e 2010)



Figura 28. Edições áudio (2009, 2011, 2014 e 2017)

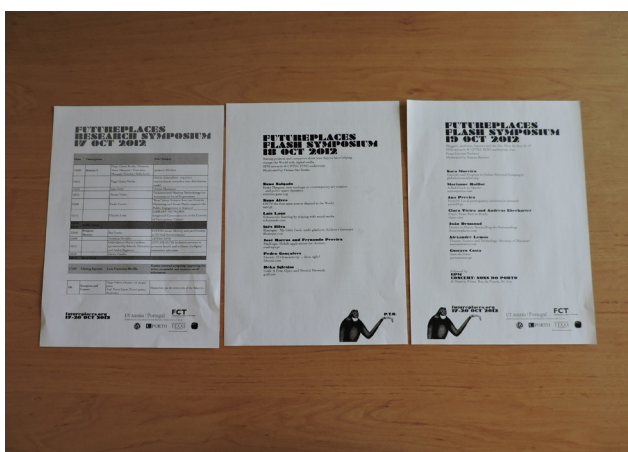


Figura 29. Programa do Simpósio Doutoral e do "Flash Symposium" 2012

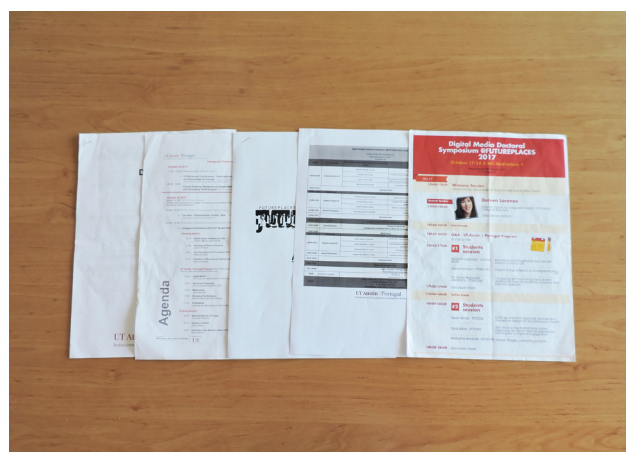


Figura 30. Programas do Simpósio Doutoral (2013, 2016 e 2017)



Figura 31. Antifluffy



Figura 32. Sinalética do FP 2012



Figura 33. Feira Internacional da Ciência 2008. Futureplaces: Apresentação dos trabalhos premiados. Digitalização do desdobrável (frente e verso)

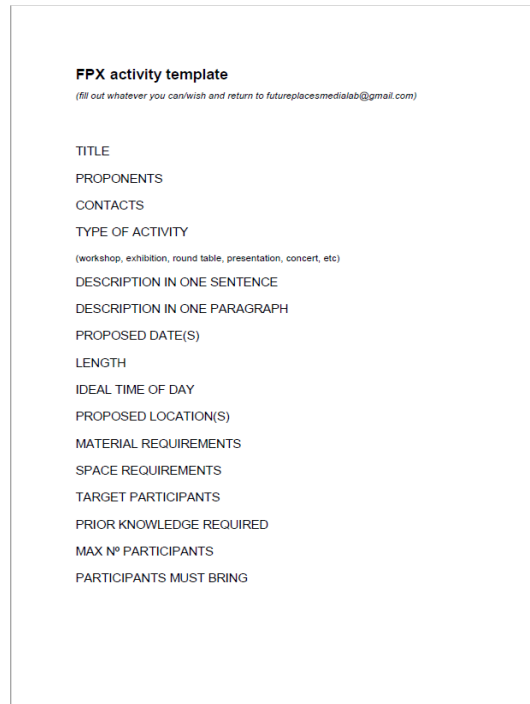


Figura 34. Modelo de Ficha de Proposta de Atividades 2017

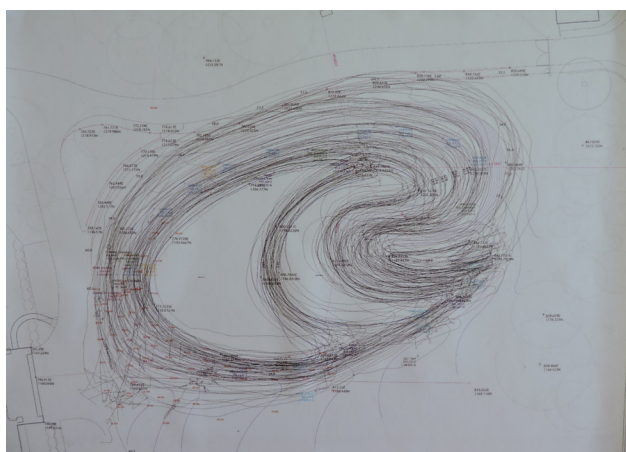


Figura 35. "GPS Drawings" 2007



Figura 36. "It's Raining Families" 2011

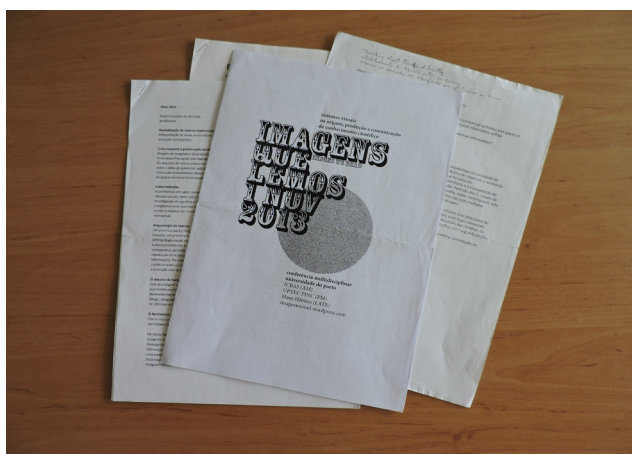


Figura 37. Folhas de acompanhamento de vários projetos realizados em 2013.



Figura 38. "Analog Software" 2014

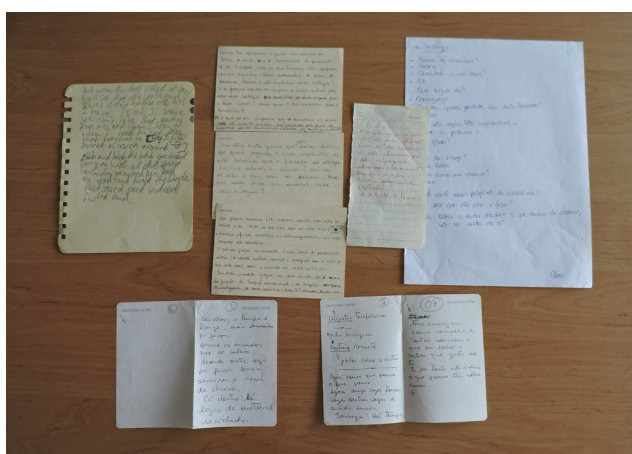


Figura 39. "Biological Radio" 2014

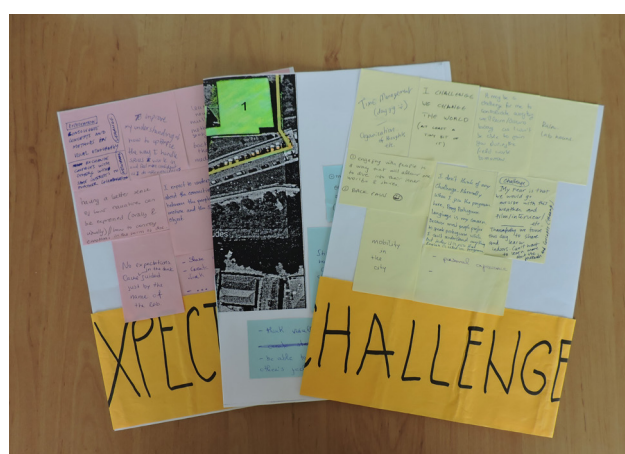


Figura 40. "Etno Media Scapes" 2014



Figura 41. Pormenor da capa "19 Diaries" 2015



Figura 42. Um exemplar de "19 Diaries" 2015



Figura 43. "The Fountain Project #2: Rec(laim) the Future" 2015



Figura 44. Documentação do projeto "Porto pelo Porto" 2015



45. Postais do Porto pelo Porto 2015



Figura 46. Mais Menos 2016

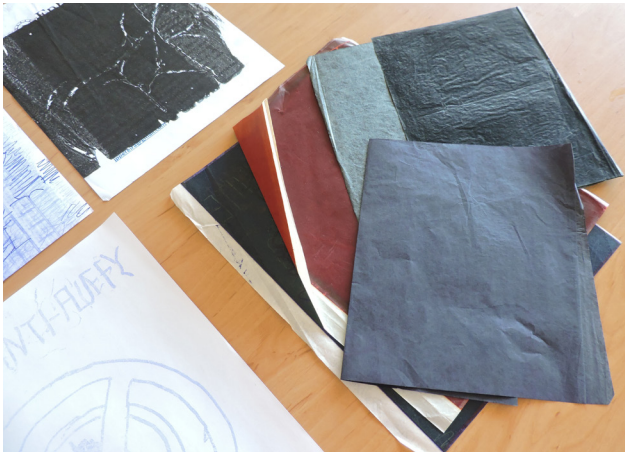


Figura 47. Memórias do Copiógrafo: Experiências com papel químico

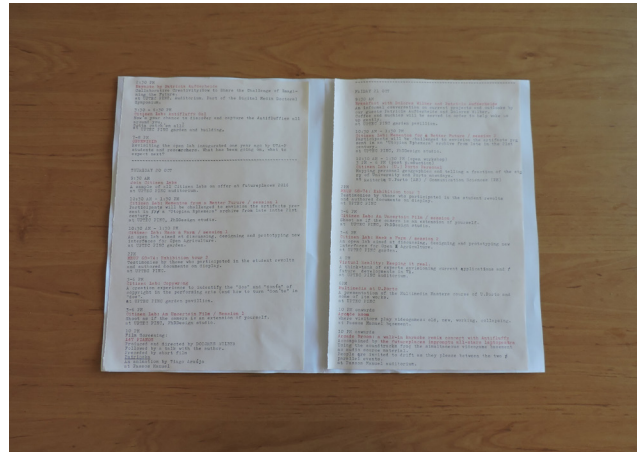


Figura 48. Original do dilatografado do programa 2016



Figura 49. "Antifluffy Go" 2016

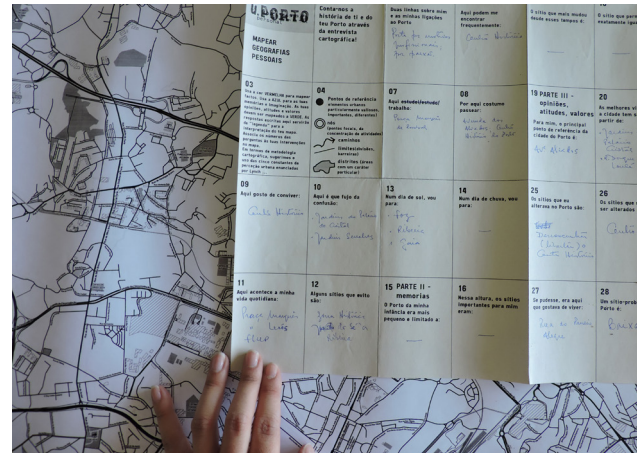


Figura 50. "U.Porto Personal" 2016



Figura 51. "Hunting for logos" 2016



Figura 52. Apresentação do Museu Digital do Porto 2016

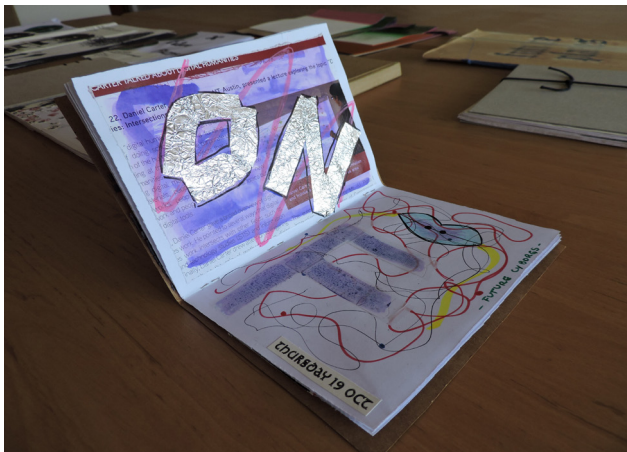


Figura 53. "19 Diaries" 2017

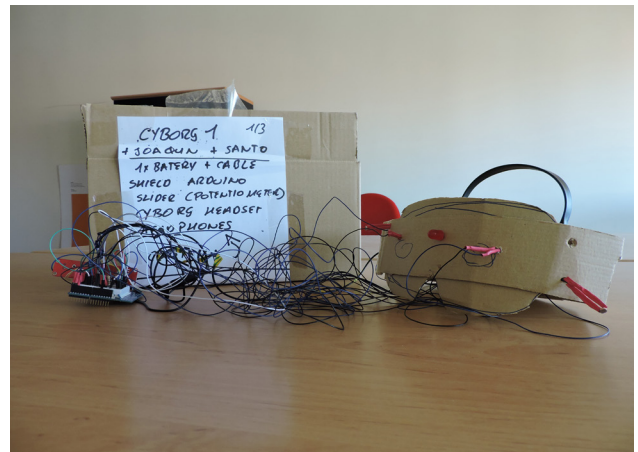


Figura 54. "Future Cyborgs" 2017



Figura 55. "Commonspoly" 2017



Figura 56. Azulejos do Porto. Foto de Luis Barbosa 2017



Figura 57. "33 Remixes". Foto de Luis Barbosa 2017



Figura 58. "The Fountain Project #5: untitled" 2017

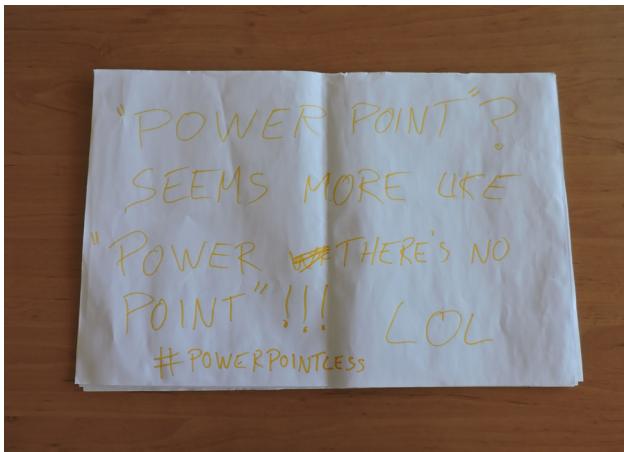


Figura 59. "Powerpointers Anonymous" 2017

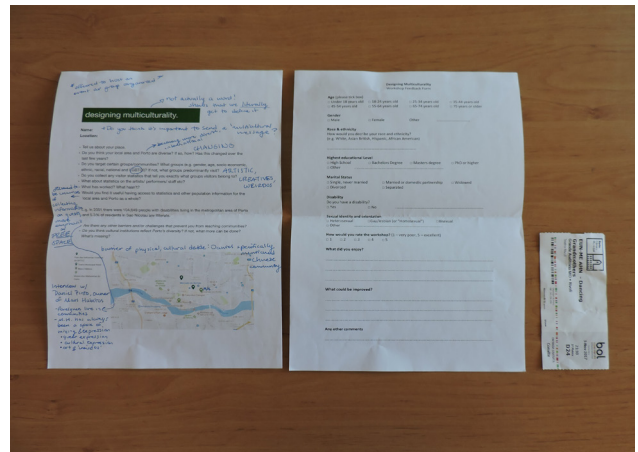


Figura 60. "Designing Multiculturality" 2017

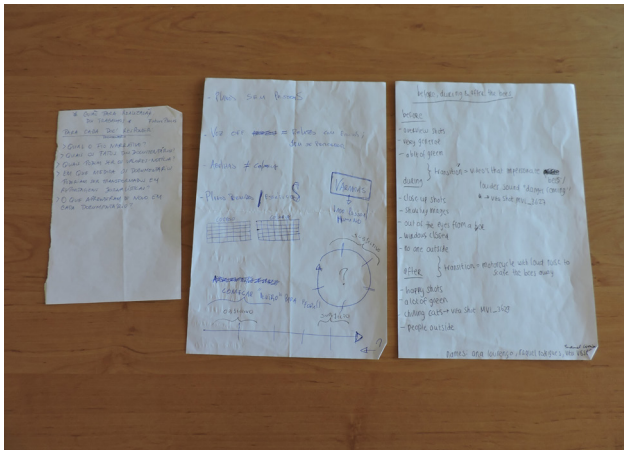


Figura 61. "Doc Under the Block" 2017



Figura 62. Assina Mais Menos 2017

	FP 2008	FP 2009	FP 2010	FP 2011	FP 2012	FP 2013	FP 2014	FP 2015	FP 2016	FP2017	
Divulgação											Documental
	Programa	Programa	Programa	Programa	Programa	Programa (5)	Programa	Programa	Programa	Programa	
	Convite	Convite					convite				
		Autocolante (2)	Autocolante (2)		Autocolante	Autocolante(3)		Autocolante (2)	Autocolante	Autocolante(4)	
					Simpósio	Simpósio			Simpósio	Simpósio	
	Cartaz	Cartaz	Cartaz	Cartaz	Cartaz	Cartaz	Cartaz	Cartaz	Cartaz	Cartaz (3)	
	Feira Int. Lisb					Imgs We Read					
Produções /Edições		Livro "I am Fut..."	livro "Calling all F..."			Antifluffy					Objects
		Vinil Anthem #6		CD "... :Poststop"			T. Bef. Surgery (2)			CD Songs That Will ...	
					Sinalética		Óculos antifluffy (2)				
Labs/Proj/Exposições	GPS Drawings			It's Raining Fam...				19 Diaries (1)	Mais Menos	19 Diaries	Objects
								The Fountain Proj#2	Mem. Copiógrafo	Future Cyborgs	
								Porto pelo Porto	Antifluffy GO	Commonspoly	
									U.Porto Personal	Azulejos do Porto	
									Hunting for Logos	33 Remixes	
						Silent Objects	Analog Software			The Fountain Proj #5	
							Biological Radio			PWP Anonymous	Documental
							Etno-Media-Sc...			Designing Multicult...	
										Doc Under the Block	
										Assina Mais Menos	
Citizen Labs	24 resolvidos										
	18 descartados										

Figura 63. Tabela de outputs. Atravé deste inventário a investigadora pôde verificar um progressivo redirecionamento para a materialidade.

Apêndice B: Entrevista à Comissão do Futureplaces²⁰

20. Foi apenas transcrita diretamente a informação relevante para este trabalho, devido ao facto de se tratar de uma entrevista conjunta com 60 minutos de duração.

Entrevistadora (E): Boa tarde. Começemos com uma pequena apresentação...

Fátima São Simão (FS): Chamo-me Fátima São Simão e sou diretora do desenvolvimento da UPTEC. Tirei licenciatura na área de Economia e fiz mestrado em Gestão e Política Culturais.... Estou envolvida em outros projetos nomeadamente o trabalho com Creative Commons...

Anselmo Canha (AC): Sou o Anselmo e sou designer, mas também tenho atividade como músico. O FP começou quando estava a fazer a minha tese de mestrado em Design da Imagem... O meu próprio objeto de estudo... foi o STOP... o que contribui logo nos primeiros anos para ser ... um caso de teste dos próprios objetivos do FP. Fiquei desde logo muito ligado às áreas de som e atualmente faço parte da Rádio Manobra que faz a cobertura áudio do medialab.

Heitor Alvelos (HA): Estou no FP desde do princípio por convite da direção do programa da UT Austin-Portugal, um programa de governo e de consultoria de várias universidades americanas... Os programas começaram em 2006.

Fiz mestrado nos Estados Unidos e durante os anos 90 capacitei-me a nível de computadores e competências digitais, que até então eram escassas em Portugal.

Convidaram-me, em 2007, para conceber um Festival de Media Digitais com o propósito inicial de ... mostrar o que se fazia no programa... e também para chamar coisas interessantes que servissem de referência.

Aceitei o desafio, mas impus uma condição: fazer um festival que não fosse simplesmente uma montra de competências e que se enraizasse na cidade.

Desde então, tenho funcionado como comissário do festival e coordenado na generalidade. Originalmente havia dois comissários, um representante de Austin, Karen Gustafson, que entretanto saiu, estando eu, desde 2015, a ocupar esse cargo formalmente, porque na prática, temos outros comissários aqui presentes, pessoas com outras competências.

Sou professor da Universidade de Belas Artes do Porto... e fui também um dos criadores do mestrado em Multimédia...

E: Porque razão realizar um festival dedicado aos media digitais no Porto e nomeá-lo “Futureplaces”? Em que medida, a colaboração com Austin influenciou particularmente o festival? Por exemplo a escolha da língua?

HA: Penso que a primeira parte já está salvaguardada. Houve um interesse institucional em termos de uma manifestação pública desta parceria ao qual acrescentei o imperativo de ligarmos e enraizarmos este projeto à realidade da cidade.

Quanto à escolha da língua, o inglês pareceu-nos inevitável, dadas competências vindas de Austin e convidados de outras origens. Teria que ser uma língua tendencialmente universal.

Ponderámos, várias vezes, a possibilidade de se realizar um evento bilíngue, mas este

nunca se cumpriu pelo simples facto de não existirem recursos humanos e financeiros suficientes para garantir essa possibilidade [...]

E: Volta um bocado à pergunta anterior, o que levou à escolha daquele nome para o festival? Pelo que percebi o vosso objetivo era focar-se na cidade...

HA: Pois. Quanto o nome... surgiu uma proposta que fundamentalmente reunia estes dois conceitos chaves: um futuro muito ligado aos media digitais... e “places”, locais concretos, o futuro em situações específicas [...] Precisávamos de um nome rapidamente e este reuniu consenso na altura.

Saliento a vantagem da palavra “futuro” que tem vindo a significar muitas outras coisas. Se há uma década acreditávamos que a tecnologia solucionaria muitos dos nossos problemas ao nível da conectividade e da capacidade de expressão, hoje já não há essa certeza. O futuro é agora um espaço de inquietação e é isso que tem norteado a nossa ação.

Talvez no princípio tenhamos sido muito positivos e andássemos à procura de utopias nas quais acreditávamos, mas hoje somos mais cautelosos em relação ao futuro e ainda mais críticos em relação à função dos medias digitais. Parece-nos portanto continua a fazer sentido.

E: Sobre as primeiras edições, o Prof. Heitor tinha me dito que muitos dos convidados vinham de Austin e de outros cantos do Mundo, mas que entretanto foram restringindo o número de convidados...O que motivou a isso?

FS: Nas primeiras edições não sabíamos ainda para o que estávamos a trabalhar, logo estávamos a testar o próprio modelo do Festival...

Numa fase inicial tínhamos inclusivamente uma call para participações para exposição. Na primeira edição tivemos 30 propostas que foram aceites para integrar a exposição que na altura estava entre a Reitoria da U. Porto, os Maus Hábitos e as Belas Artes. Tendo em conta a equipa e os recursos que tínhamos, rapidamente percebemos que não era sequer gerível, e foi um esforço brutal em cima da equipa de produção. [...] Não foram só essas razões logísticas que levaram a redução do número de projetos a expor na edição seguinte, mas também por razões daquilo que tem sido o próprio Futureplaces.

Como disse o Heitor a própria ideia de futuro tem mudado, o papel e a forma como olhamos para tecnologias também. Aquilo que era inicialmente um festival, uma amostra, uma celebração tecnológica quase foi se afinando cada vez mais para ser um momento de reflexão, um momento de discussão crítica sobre o que essas tecnologias trazem efectivamente para sociedade e na medida em que elas nos ajudam ou constroem na nossa vida. E isso acabou por derivar numa transformação do conceito de Festival para Medialab.

AC: Posso só fazer uma coisa muito mosaica só para termos a sessão das transformações destes dez anos... Eu não tenho a certeza nem posso afirmar mas em que ano surgiu o Facebook?

FS: Foi 2001.

HA: Mas em Portugal só ganhou ímpeto em 2007/2008.

AC: Como vês falamos dos primórdios do que hoje em dia consideramos natural. A evolução dos smartphones também... A presença no nosso quotidiano de meios digitais e tecnológicos mudou radicalmente. A crítica que é possível quer pela possibilidade de nos afastarmos de uma circunstância de deslumbre pela tecnologia e depois o massacre que já é possível sentir, exige uma outra posição a ser tomada sobre o que está em cima da mesa.

HA: Eu gostava de salientar outro aspecto relativamente a exposição nos seus moldes iniciais e subsequentes.... Desde logo a nossa call referia de forma muito veementemente este conceito de tecnologia, lugares e contextos... Mas a verdade é que muitos dos que respondiam à call não refletiam sobre este motto... Lembro-me que recebíamos propostas de interfaces abstratas, algumas apenas de pura exploração cromática... embora eu ache-as importantes e legítimas eram mais ruído que propriamente contributivo para o debate que estava ser proposto.

Um outro factor também... arrancámos quando o programa Austin-Portugal não tinha ainda doutorados nesta área. Portanto o curso de doutoramento em Media Digitais no âmbito deste programa foi criado já depois do início do Festival.

Os primeiros doutorados, os primeiros estudantes já com alguma maturidade começaram a surgir já mais tarde.

Quando começámos a ver uma comunidade ligada aos novos media, local, interessada nestes temas, começámos achar que se calhar era mais útil trabalhar com eles porque conhecem esta realidade... e também tem os seus networkings internacionais, invés de trazer gente com uma infraestrutura muito pesada e dispendiosa que não compreende o que aqui se estava a fazer acabando por cair um bocadinho de fora do contexto.

Sobre a questão dos números... Houve edições e tem havido edições de grande afluência, mas é preciso também saber ler e compreender essa afluência, porque uma coisa é dizer que enchemos auditórios para um concerto - o que já nos aconteceu - outra coisa muito diferente, é dizer que tivemos no ano passado os dois presidentes das duas maiores câmaras do Porto na nossa cerimónia inaugural... workshops desenvolvidos localmente por estudantes de doutoramento que muitas vezes acabam lotados, workshops improvisados porque apareceu uma carrinha de vinte e tal estudantes e os restantes workshops estavam cheios...

FS: Em termos de afluência de público foi crescendo...tivemos uma adesão muito forte em 2010, mas depois houve uma quebra com esta nova dinâmica de medialab. Mas foi uma quebra consciente. De facto fazia-nos mais sentido ter ações de reflexão mais eficazes...Mas tem estado estável, nós temos entre 300 a 400 participantes a passar pelos workshops e os vários eventos.

E: Na vossa opinião quais foram as edições com maior sucesso?

HA e FS: E o que é sucesso?

FS: Isso é muito difícil.

HS: ...os workshops que se realizam nas ruas com participantes anónimos também muito difícil de contabilizar... Outro factor igualmente determinante é nossa vocação de incubação. Ou seja, há projetos que são lançados, esboçados no FP, mas que depois ganham um certa consciência de si próprios e vão a sua vida.

Se calhar o caso mais flagrante disso é precisamente o STOP e a forma como o Anselmo concebeu, arquitetou e mobilizou a comunidade de músicos do stop para o concerto inaugural... O shopping era frequentado por 300 músicos que não tinham grande contacto entre si, vinham e apenas tocavam na sua respectiva sala e depois saiam para ir-se embora.

O Anselmo conseguiu que estes se mobilizassem, por uma série de factores como conflitos com a câmara e aproveitamento e reutilização do espaço. Portanto realizamos um concerto extraordinário em termos sonoros, com os quatros andares do STOP numa espécie de sala gigante de concertos onde as pessoas podiam deambular. Os músicos do STOP perceberam a sua própria identidade e potencial.

Entretanto com os desenvolvimentos subsequentes criaram a Stopestra e de repente esta liga-se casa da música e autonomiza-se...

Mas para explicar esta medida de sucesso não é definitivamente a contabilização do público ... aliás nós sempre dizemos que não temos audiência, temos participantes.

E: Pois é nesse sentido que perguntava qual terá sido a edição com maior adesão teve por parte dos cidadãos?

AC: Eu acho que a questão do sucesso aqui não é quantitativa, é qualitativa. E portanto, não te sei dizer quais foram as melhores edições. Podemos dizer que foram aquelas onde na sessão final de sábado, de síntese e partilha dos resultados dos dias em que foi o encontro se percebeu que mais pessoas estavam a intuir com profundidade e a concretizar em ação aquilo que estava ser proposto.

Não sei se queremos um estádio cheio... ou uma pequena sala com um grupo de pessoas sintonizadas, recetivas sobre o local, sobre as tecnologias, os modos de agir, etc.

FS: Não só sintonizadas no momento, mas também com a capacidade de mobilização. Provocar mudança através dos projetos que se iniciam ou se reforçaram naquele momento. Há projetos que vêm nos visitar e aproveitam para se redefinir a sua orientação... Há projetos que se iniciam de facto no FP e outros que se autonomizam, criando depois a suas próprias estruturas, contextos e públicos.

E: Além do Stopestra, há outros projetos que me possam nomear?

FS: Sim. A Rádio Manobras partiu inicialmente da experiência Rádio Futura. Surge depois um projeto no Porto onde essa mesma rádio se reconfigura e se autonomiza, continuando ainda assim a colaborar connosco.

HA: Porto pelo Porto...

FS: A própria Ephemera que por exemplo já existia e vem aqui procurar outras formas de se apresentar, outras formas de se ligar a comunidade. Há vários modelos de incubação que acontecem a partir do FP.

HA: DOC4citizen (Citadocs), um projeto de cinema documental para o cidadão, que começou aqui e depois também se autonomizou, embora continuem a visitar-nos e a trabalharem connosco.

Enfim, há experiências que se fazem e terminam aqui, cumprindo o seu papel, mas penso, como a Fátima diz, as pessoas vêm buscar energias, feedback, cúmplices, parcerias e depois seguirem o seu caminho. Muitas vezes somos como um ponto de encontro...

E: Muito bem. Falem-me um pouco sobre a vossa experiência com a RTP. Porquê não divulgar o evento mais às pessoas?

HA: Os medias main stream não estão interessados na realidade, mas na produção de uma realidade segundo uma agenda predeterminada e como tal vieram cá criar a sua própria versão do FP e isso não nos interessa.

Mesmo dizendo que “todos são bem vindos” ainda assim existe quase um trabalho depurativo no que estamos a fazer. Esta depuração tanto se revela na acuidade dessas sintonias, como no facto de existirem pessoas que não partilham desta forma mais ponderada e crítica de pensar...

FS: Não se envolverem.

AC: Posso contar um episódio que ligam pouco essas duas coisas. O facto de colocarmos x pessoas numa sala que não sabiam tocar guitarra e nesse mesmo dia no Passos Manuel organizar-se um concerto não era de algum modo comportável com um concerto de exímios profissionais a tocar, logo a promessa tinha que ser outra e o contexto também. Vamos usufruir daquilo que pode ser útil para um futuro. Por exemplo, pode ser o útil da pessoa que estava em palco e pensou Afinal isto é viável, não tenho que ter medo pois há diferentes estratégias daquelas que me são comunicadas. Não tenho que ser o exímio executante de uma determinada norma. Posso ponderar modos de me exprimir através de guitarra que não são tão comuns”. Pode ser o útil do público que pensa : “gostava de estar no palco também”. Não podemos medir o que levou para casa...

HA: Não medimos, mas intuímos. Posso contar um episódio, um dos mais interessantes de todos estes anos, na minha opinião aconteceu em 2011. Esse ano tivemos cinco laboratórios. Na véspera tinha ido à RTP e tinha insistido que os medias digitais não eram uma coisa de especialistas, que há múltiplos pontos de entrada...

No dia seguinte vieram ter comigo dois professores de uma turma de alunos com síndrome de down, casos difíceis e profundos e disseram: “ouvimos a sua entrevista e pensámos porque não levar lá os nossos estudantes experimentar uma coisa diferente.”

Quase vieram-me as lágrimas aos olhos!

Recordo-me que uma tarde fui à Praça dos Poveiros onde o Miguel Januário estava a fazer o projeto com as letras em 3D... e os miúdos lá estavam... alguns assim um bocado perdidos a pegar nas letras e os professores a tentar incentivar. Um dos miúdos interpelado pelo professor - “O que gostavas de propor à cidade?”. O miúdo respondeu “Rodoviária”. Eu perguntei porquê e ele respondeu-me que haviam demasiados carros e as pessoas deveriam andar mais de camioneta. E lá fomos todos buscar um “r”, um “o”... para construir a palavra “Rodoviária”!

É uma experiência que traduz muito bem o espírito do que é realmente aqui é o sucesso...

E: O sucesso será então o impacto evidente que têm nas pessoas, mas é medido intuitivamente...

FS: Sim. No fundo o nosso objetivo é criar condições para possibilidade de exercícios de cidadania. E a cidadania pode ser exercida por toda gente que esteja a participar... desde o investigador à velhinha que mora na ilha, ao jovem que jamais tocou uma guitarra na vida... criar condições para que isso surja espontaneamente e tenha impacto nas pessoas, passando a despertar outro tipo de percepção.

HA: Já agora acrescento que o sucesso é neste caso também a tentativa de superar medos.[...] Há uma escala ao qual um de nós pode realizar isto e a partir do qual se torna incomportável. Mas também, essa é uma das razões pela nossa aparente retração, em que nestes 10 anos a cidade e o mundo tem vindo a expandir-se, especialmente nesta conectividade. O convite é estarmos em contacto e fazermos coisas juntos duplicou, triplicou, quadruplicou... sei lá durante os últimos anos. É quase uma obrigação neste momento, e portanto há pouco espaço para introspecção e para trabalhar em escalas mais específicas.

Começámos então a sentir a essa necessidade de trabalhar de formas rebuscadas, e aí fazemos metade do caminho que é proposta, a infraestrutura de base, e a outra metade tem de ser feita conscientemente e com vontade por quem participa.

FS: A propósito de monitorização ser intuitiva: temos um repositório online, é quantificável mas não é esse o objetivo. Construir um património sim, mas não a sua monitorização ou quantificação.

E: Quanto ao planeamento do FP? Apesar da exaustão, do cansaço, da dúvida, vale a pena manter isto?

HA: É verdade. Isto exige esforço e é uma equipa pequena. O que tem acontecido sistematicamente nos bastidores, acho que tem muito haver com altura do ano. Isto é, arranca numa altura muito penosa que é o fim do ano letivo, portanto estamos esgotados... No entanto para termos isto pronto em Outubro temos que ... pelo menos lançar as bases.

E: Porquê não alterar?

HA: Primeiro porque tornou-se numa tradição em meados de Outubro...

HA: Segundo porque é na altura do arranque... ele acontece quando a nossa cabeça está fresca e recetiva. E isto tem que depois ser negociado com tudo resto. Como o Anselmo à bocado se referia, o que chama atenção, o calendário cultural, os festivais de verão...

AC: As dúvidas têm muitas vezes a ver com aquilo que vamos conseguindo pesar e concretizar como missão em cada ano. Isso às vezes traz no satisfação, outras vezes nos interrogamos se é preciso mudar alguma coisa...

FS: Às vezes também tem haver com as próprias circunstâncias institucionais, porque o FP tem estado muito associado ao programa Austin e o programa vem tendo os seu mo-

mentos de negociação...e estas interferências com certeza afetam a dinâmica da equipa...

HA: Já agora pegando no orçamento, este vai em ¼ daquilo que já tivemos.

E: Mas acham que isso afeta de alguma forma a qualidade do evento?

FS: De certa forma...porque os constrangimentos também nos obrigaram a refletir... a concentrar-nos no que realmente importa. Tem implicações em termos de produção e de gestão interna, e nesse nível acho que não conseguimos emagrecer mais. Porque assim não seria possível contratar pessoas para nos ajudar na produção executiva.

E: Porque apesar de ser evento gratuito ao público, vocês tem despesas, certo?

FS: Há pessoas que nos apoiam no terreno, sobretudo à equipa de produção que garante que está tudo no sítio... os técnicos de som, os que transportam o material, a produção gráfica, apoio à assessoria de imprensa, gestão de viagens para os “keynotes speakers”, faculdade, a todos estes elementos são fundamentais. Alguns convidados estão integrados no orçamento de Austin, há outros que...não... Há outras fontes de financiamento, programas que vamos aproveitando para rentabilizar os convidados de uns eventos para outros.

HA: [...] Uma coisa diferente é esta nossa call que fazemos para os laboratórios, em que já há o pressuposto... que o trabalho vai ser a pro bono. Portanto só faz quem quer, quem estiver na mesma sintonia...

FS: Eles sabem os benefícios que tiram daqui para a própria investigação, para o próprio trabalho, para projetos que estejam a ser desenvolvidos, é uma oportunidade para comunicá-los, para os fazer crescer na comunidade e outras negociações.

E: Para terminarmos contem-me um pouco sobre a origem do Antifluffy?

Antifluffy antecede as tapes. É um conceito também ele crítico da cultura contemporânea que nós a partir de certa altura reconhecemos, intuímos que estava muito virada para entretenimento desvairado...

Num artigo publicado pelos três começámos a cultivar uma estética punk. E o que é o punk nos dias de hoje, o que precisa de ser nos dias de hoje? Punk é esta ausência de medo... e confronto com o que é necessariamente esteticamente enquadrado, e esses pressupostos de positividade ...daí o anti.

O que era apenas uma ideia, uma intuição, encontrou de forma relativamente casual uma manifestação física.

Como ela aconteceu? O nosso amigo Vitor Joaquim, músico e professor na Católica organizou três sessões no Passos Manuel, cada uma dedicada a um formato de reprodução musical específico. O primeiro era rádio, o terceiro dedicado ao vinil e o segundo era dedicado à fita magnética. Na altura, o Vitor tinha me convidado para os três concertos e a primeira ideia que me surgiu foram as fitas vhs que tinha lá em casa. Também pedi ajuda de alguns amigos e levei-as comigo.

Havia um músico, o performer americano que convidei para o concerto e juntos desfiámos e espalhámos as fitas VHS sobre a audiência do Passos. De repente toda gente estava embrulhada em fitas VHS e às escuras! Depois voltámos a puxar as fitas a dizer

que queríamos as nossas memórias de volta. E portanto eu e o Bruce ficámos com uma pilha de fitas enorme e começámos a vestir aquilo enquanto os músicos rematavam o concerto.

Subsequente uns dias depois estávamos num almoço a conspirar para FP e lembrámo-nos “E se tivéssemos alguém para vestir a cabeleira postiça de VHS?” Mais tarde, achámos que podíamos criar uma espécie de forma ectoplásmica, um espectro...

O que faz todo sentido, pois se vê como um fantasma do analógico morto, substituído pelo digital... também é essa a metáfora.

O fato foi construído pelo Bruce e a mulher e a sua primeira aparição no FP aconteceu aqui no auditório do PINC numa sessão de apresentação aos workshops em 2013.

Ficou como mascote porque o que representa e propõe continua a fazer sentido... Também não deixa de ser uma homenagem privada às pessoas que produziram este fato, que infelizmente faleceram.

E: Bom, dou por terminada a nossa entrevista. Muito obrigado pela vossa participação.

Apêndice C: The Museum of Past Futureplaces



Figura 64. Cartaz da Exposição. Esta exposição exploratória foi realizada no dia 25 de julho, nas antigas instalações da Rádio Nova, no Polo de Indústrias Criativas do Parque de Ciência e Tecnologia do Porto (UPTEC PINC), na Praça Coronel Pacheco 2.



Figuras 65, 66, 67, 68 e 69. Visão geral do estúdio



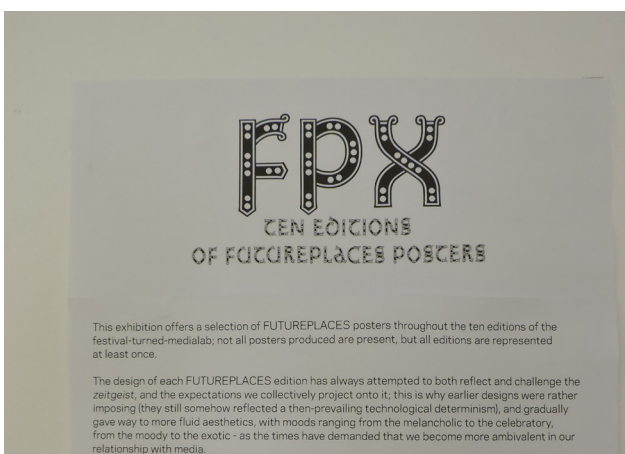
Figuras 74, 75 e 76. Instalação 2: Cartaz Tridimensional.



Figuras 77. Instalação 3: "A guitarra que transfere dados"



Figuras 78, 79, 80, 81, 82 e 83. A sala do Analógico



Figuras 85, 85, 86 e 87. A sala dos Cartazes



Figuras 88, 89, 90 e 91. O quarto do Antifluffy



Figuras 92, 93, 94 e 95. Mesa de parafernália do Futureplaces

